

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 306
5 de setembro de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam-vindos.

Hoje eu queria complementar aquelas coisas que disse no artigo “Herança de confusões”¹ e também fazer algumas observações sobre essa discussão que houve na internet com algum grupo de evangélicos *enragé* que me trouxe algumas — não posso dizer decepções — mas algumas impressões ruins que eu desejaria evitar sobre alguns alunos que raciocinam na base de um erro de lógica pueril. Eu já expliquei isto aqui muitas vezes. Quando você descobre algo que lhe parece uma contradição, em primeiro lugar você precisa ver se é uma contradição lógica ou uma contradição substantiva. Quer dizer, as coisas que parecem contradizer-se nas suas provas verbais podem não conter contradição nenhuma na esfera dos fatos e coisas ali representadas; só as contradições substantivas é que merecem alguma atenção. E as contradições substantivas por sua vez podem ser expostas sem nenhum erro de lógica.

Eu esperava que, depois de quatro a cinco anos, as pessoas soubessem já fazer isso, mas [elas] estão raciocinando na base daquele argumento pueril: se você pode fumar cigarro por que eu não posso fumar maconha? O juvenzinho *enragé* descobre a possibilidade de discutir aos 14-15 anos e, de posse desse novo instrumento, sai fazendo desafios verbais e brandindo pseudo-argumentos. Especialmente me chamou a atenção uma garota chamada Daniela Salum — não sei se ela é aluna do curso, mas pelo menos acompanha o meu trabalho e era uma bajuladora notável, ao ponto de ir à casa de minha mãe para tirar fotografia com ela —, que diz: “O homem, uns anos atrás, disse que não estava qualificado para discutir questões teológicas e agora as discute. Olha que contradição, olha que vigarista que é o sujeito”. Essa menina não está capacitada para fazer esse curso e será expulsa evidentemente, sem possibilidade de retorno.

Também será expulso o sr. Pedro Henrique de Lima, se for aluno — não sei se é —, porque há algum tempo atrás ele me cobrou uma definição sobre o *batismo de desejo*, que é uma questão muito de detalhe da teologia, que se refere às pessoas que não tiveram acesso ao cristianismo, mas que podem ser consideradas salvas em função do que a Igreja chama de *batismo de desejo*. Ele me pede uma definição sobre isso em função de um livro dos Irmãos Diamond que não li e que é recomendado por um outro sujeito chamado Gerry Matatics, que também não li. E eu disse que não estava qualificado para discutir essa questão. E ele achou isso aí de uma desonestidade extraordinária. Quer dizer, eu não pronunciar sobre o que não li se torna obrigatório; e se eu não faço o que esse fresquinho exige, eu sou um vigarista. Uma pessoa

¹ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/150904dc.html>

assim evidentemente não está qualificada para fazer este curso, nem para opinar sobre o que quer que seja. Ele diz que manifestei o meu desprezo para ele. Manifestei e manifesto de novo. Eu lhe digo: eu não me pronunciaria sobre essa questão sem tê-la estudado muito bem. Eu realmente não me considero qualificado para escrever nada sobre isto. Eu sigo o que o Magistério diz, sem pretender que eu mesmo seja detentor das razões que justificam a atitude do Magistério — o que é uma coisa inteiramente normal. Quando você não sabe, não tem domínio pessoal de uma situação, você segue a autoridade que lhe parece mais confiável, mas segue entre parênteses, ou seja, colocando entre parênteses a substantividade da questão: eu não sei, mas a Igreja diz que é tal, e tal e tal, e eu sigo porque é a Igreja — não porque eu tenha pessoalmente os argumentos. E nesses pontos o indivíduo não é de modo algum obrigado a tomar posição, a expor argumentos, é exatamente o contrário. Isso seria uma levandade.

Incrível é que esta menina disse: “Ele disse que não entende nada de teologia”, depois ela aparece pontificando sobre teologia. Eu reuni todos os posts sobre esses assuntos, que dão seis páginas, das quais exatamente dez linhas no meio das seis páginas contêm argumentos que poderiam ser considerados teológicos. Se bem que eu não me coloco neste plano, eu coloco no plano da pura interpretação de texto — prestem atenção. Teologia significa você expor o conteúdo da Revelação tal como está no texto revelado, de modo a sistematizar o conteúdo da fé. Eu não estou fazendo isso em parte alguma, estou simplesmente interpretando um texto com base em dados históricos. E na maior parte dos casos aqui não estou falando de Bíblia, nem coisa nenhuma, estou falando apenas de história do protestantismo e catolicismo (já vou entrar nisso já, já). E nos pontos onde toco em questões que vêm diretamente da Bíblia, estou me atendo à pura interpretação de texto no sentido mais leigo possível.

Por exemplo, quando digo que o sangue que Jesus derramou na cruz era o sangue de Maria. Porque a Bíblia diz que Jesus descende da linhagem de Davi, etc. e etc., até chegar em Maria. Portanto, era o sangue dessa linhagem, o sangue da sua família. Ninguém vem com sangue próprio exclusivo. Ele recebe o sangue da mãe, evidentemente. Quando Maria foi fecundada pelo Espírito Santo, o Espírito Santo fecundou um óvulo de Maria, Ele não fecundou um nada. Se Jesus pertence à linhagem é porque Ele tem o sangue dessa linhagem. Então é também o sangue de Maria que é derramado na cruz. Isto não é teologia, isto é fisiologia elementar. É uma questão de interpretação do sentido imediato do texto, não do seu sentido teológico. Quando eu estou dizendo isso, não estou afirmando que é um dogma da fé, e você tem de acreditar porque está na Bíblia que Jesus derramou o sangue que era também o de Maria etc. até o de David. Não estou dizendo isso. Eu estou dizendo que, do ponto de vista da interpretação imediata do texto, como puro documento, você tem de entender que o documento está afirmando que o sangue que foi derramado na cruz era o sangue de Maria e o de toda a sua família. O que isso tem de teológico? Pode ser parecer teológico porque esse pessoal só pensa em teologia.

Agora, na maior parte dessas seis páginas, estou discutindo apenas a questão das relações históricas entre a Igreja Protestante e a Igreja Católica, estou afirmando um fato incontrovertido, ao qual ninguém desmentiu até agora. Eu disse: dos mitos anticatólicos que circulam em livros, em filmes, em shows de TV, etc. e etc., e que aqui nos EUA constitui uma indústria bilionária, há uma parte que vem da linhagem iluminista, atéística, que começa no século XVII, e outra parte muito maior que vem de origem protestante.

O primeiro desses mitos é a questão das indulgências. Até hoje você vê gente dizendo: “a Igreja vendia indulgências; isso é pecado de simonia, estão vendendo favores espirituais”. Ora, esse pessoal não tem a menor idéia do que é indulgência. Indulgência era suspensão não das

penalidades eternas, mas de penalidade temporais em troca de uma multa em dinheiro. O senhor, em vez de ser preso, pagar uma multa. Isso é indulgência. Indulgência não absolvía ninguém. Até Eric Voegelin explica: “Foi lamentável que, quando os camaradas começaram a inventar essa ilusão fantasista da indulgência e acusá-la, a Igreja não se explicasse direito. Ela podia ter mandado para essa conversa na mesma hora, mas se omitiu”. Quer dizer, não quis levantar mais polêmica e ficou quieta. E essa farsa continua até hoje, até hoje a pessoa repete. São cinco séculos! Isso é uma mentirinha boba inventada por Lutero.

Lutero — aliás, vou dizer o português claro — era um mentiroso compulsivo. Lutero suprimiu versículos da Bíblia e, quando reclamaram, disseram que tinha de colocar, ele não corrigiu. Ele simplesmente bateu na mesa e disse que isso vai ficar assim mesmo. Ou seja, ele está proclamando que a autoridade dele é superior à autoridade do autor do texto da Bíblia, e depois vem dizer *sola Scriptura*. *Sola Scriptura* não, *sola* Lutero. Leiam a biografia de Lutero por Heinrich Denifle, que é uma obra eruditíssima, um clássico, e vocês verão que a vida de Lutero dessas coisas. Lutero não era uma pessoa de grande inteligência, era um homem de um talento poético e retórico notável, um tipo que reagia emocionalmente às coisas, não tinha condição intelectual de examinar — aliás, um tipo caracteristicamente alemão: o voluntarismo alemão é uma coisa clássica, todo mundo deveria conhecer. E, sobretudo, Lutero nunca foi protestante, Lutero era católico. E foi o Vaticano que o espremeu demais e de certo modo o provocou para que tomasse atitudes cada vez mais radicais, que ele não queria tomar no começo. Empurram o cara para virar inventor de uma religião.

É evidente que essa época, que Eric Voegelin classificou como a época da confusão [10:10], não produziu nada capaz de orientar os seres humanos porque os próprios personagens (a turma do Vaticano, os católicos, os protestantes) estavam todos desorientados, ninguém estava entendendo o que estava acontecendo. Leiam a *História das Idéias Políticas*, de Eric Voegelin, que aliás era um luterano, e vocês vão entender perfeitamente porque não podemos nos ater ao que disseram Lutero e Calvino como se fosse também palavra de Evangelho. Porque aquilo que é palavra de Evangelho, não pode suprimir versículos do Evangelho e dizer que vai ficar assim mesmo. Por outro lado, aquilo que eu disse no artigo “Herança de Confusões” está muito incompleto, ainda tem muita coisa para dizer. Mas também a isto ninguém responde coisa nenhuma.

Essa discussão começou com um parágrafo de louvor a Nossa Senhora que escrevi. Eu disse que Nossa Senhora foi o melhor dos seres terrestres, e isto desencadeou uma onda de insultos: “velho gagá”, “vigarista”, “só fala merda”, “comeu hóstia estragada”. Coisa desse tipo. Os caras dizem isso e depois dizem “o Olavo só sabe xingar, não tem argumentos”. Os argumentos estão todos aqui, vocês não responderam nenhum. Ou seja, eu descobri que este curso tem pelo menos dez por cento de charlatões, de vigaristas mesmo, que serão postos para fora sem possibilidade de retorno.

Mas vamos comentar o artigo. Vou ler e comentar para vocês:

Um dos mitos preferidos da cultura americana é o de que a Reforma protestante foi uma das fontes principais da liberdade religiosa, dos direitos individuais e da proteção contra os abusos do governo central. Some-se a isso a falsa crença weberiana (ou semiweberiana, ou até pseudoweberiana) de que a “ética protestante” gerou o capitalismo, [não é bem isso que Weber disse] e a única conclusão possível é que o cidadão de hoje em dia deve a Lutero e Calvino, no fim das contas, praticamente todos os benefícios legais, políticos e econômicos de viver numa democracia moderna.

Nós temos de reconhecer o fato de que as igrejas protestantes ajudaram a difundir as *doutrinas* democráticas, os ideais democráticos. Mas foi esse o tipo de regime que elas criaram? Não tem sentido avaliar a influência histórica de uma determinada corrente de ação só pelo significado literal do texto, você tem de ver o texto e as ações nas quais essas mesmas correntes traduziam o verdadeiro sentido das suas palavras. O sentido das palavras de um líder político ou de um guia das massas está na tradução em ações das suas palavras e não só nas palavras tomadas isoladamente. Por exemplo, pregar a democracia, todos os comunistas pregam. Lula não democrático? Ele não acha que reagir contra noventa e três por cento da população brasileira e impor a vontade de um por cento é democrático? Ele acha. As palavras só adquirem um sentido substantivo na hora que elas se traduzem em ação; é a ação que mostra seu verdadeiro significado.

A liberdade estar consagrada na lei é uma coisa e existir na realidade é outra completamente diferente — a primeira é liberdade nominal, a segunda efetiva. É inegável que, na sociedade americana, você ainda desfruta de muitas liberdades reais. Porém, não se pode negar que existe, nesta sociedade aqui, um fortíssimo elemento totalitário, que é o de controle da vida privada do cidadão pelo Estado. Não só pelo Estado, como da própria comunidade. É uma sociedade na qual as pessoas têm a obrigação de se fiscalizar umas às outras e denunciá-las. Você denunciar as pessoas à justiça por qualquer coisa se tornou uma norma nos EUA. O sujeito olhou feio para o outro, o outro vai para a justiça. Não é necessariamente um regime totalitário, mas que é uma sociedade totalitária, é. Estou vivendo aqui faz dez anos, não posso negar isso aí. Eu vou mostrar a origem disso daqui a pouco.

Mas tudo isso é propaganda, não História.

Desde logo, a supressão da autoridade política da Igreja – um dos objetivos declarados da Reforma, que nisso concordava perfeitamente com Maquiavel – (...)

Maquiavel e Lutero eram contemporâneos. E note bem: você nada entenderá do que eles fizeram, se você não admitir em primeiro lugar que eles eram acima de tudo patriotas, nacionalistas. O sonho de Lutero não era uma igreja universal, era uma nova república alemã, um novo regime alemão, salvar a Alemanha da influência estrangeira, que é uma idéia que vai perpassar a cultura alemã por séculos até chegar ao nazismo. *Deutschland über alles* (a Alemanha acima de tudo), Lutero pensava assim. Ele queria criar um novo regime para a Alemanha que a tornasse imune à influência estrangeira. Para isso era preciso quebrar a autoridade política da Igreja. Não era um motivo teológico, era um motivo puramente patriótico — mas é com isso que começa a coisa toda. Ao mesmo tempo, Maquiavel tinha uma proposta exatamente idêntica com relação à Itália. Tudo o que ele escreveu foi para libertar a Itália da influência estrangeira.

Esta é a época da emergência dos Estados e nações. Quer dizer, uma pululação de sentimentos nacionalistas, e teorias nacionalistas, é uma das características dessa época que é marcada, por exemplo, pelo começo do uso das línguas nacionais nas obras escritas. Antes praticamente todo mundo escrevia numa língua internacional, que era o latim. Na Alemanha, continuaram usando o latim até o século XVIII porque [a língua alemã] era considerada uma língua de cavalos. A Alemanha era um país tão atrasado, tão miserável, que a sua língua nacional, mesmo depois de consagrada na tradução da Bíblia por Lutero, continuou não sendo uma língua de cultura até o século XVIII. Leibniz, que foi o maior filósofo alemão do século XVIII, quase tudo que escreveu era em latim ou francês, de vez em quando escrevia uma coisinha em alemão também. Mas o próprio uso das línguas nacionais mostra ali uma tendência de afirmar a identidade nacional contra o sentido do império europeu. Todo mundo queria se desgarrar

do império europeu, criar Estados nacionais que, por sua vez, tinham a pretensão de se tornar impérios mundiais. Então tinha o império mundial alemão, império mundial francês, britânico etc. E Lutero entra nessa onda.

Delinear o regime alemão e a igreja alemã em termos locais, isolando das concepções e influências estrangeiras, este foi o primeiro objetivo Lutero, e isto perpassa toda a sua obra e cria uma linha de nacionalismo alemão que dura até o século XX. Hoje ela está praticamente dissolvida. Depois da guerra o nacionalismo se desmoralizou, e ninguém mais tem coragem de falar isso. Até 1945, era isso que valia. A própria letra do hino nacional alemão composta por Haydn contém uma linha que não tem em nenhum outro hino nacional do mundo: *Deutschland über alles* (Alemanha acima de tudo). Você veja a imensa presunção disso aí: o seu país está acima de tudo, não apenas de algumas coisas; não é acima de outros países, está acima de tudo.

Desde logo, a supressão da autoridade política da Igreja – um dos objetivos declarados da Reforma, que nisso concordava perfeitamente com Maquiavel – liquidava toda mediação espiritual institucionalizada entre o governo e o povo, reduzindo a sociedade a um campo de disputa entre duas forças apenas: de um lado, uma poeira dispersa de consciências individuais com suas crenças subjetivas infindavelmente variadas e variáveis; (...)

Com direito à livre interpretação da Bíblia. Cada um pode entender a Bíblia do jeito que quiser, portanto pode entender tudo do jeito que quiser. Então você tem opiniões individuais em profusão.

(...) de outro, a vontade de ferro do governante, consolidada na doutrina da “Razão de Estado”,
(...)

Que foi a doutrina que se consolidou justamente nessa época. Existe o famoso livro de Friedrich Meinecke (que sugiro que leiam) sobre a Razão de Estado na história européia. Foi essa época da Razão de Estado.

(...) necessidade incontroversa à qual ninguém podia se furtar.

Você tem, por um lado, uma pululação de opiniões individuais, então você não tem um fator unificante. Qual é o único fator unificante que sobra? A Razão de Estado, porque a Razão de Estado se impõe uniformemente a todos. Ela se torna um fator unificante. Você não tem mais uma doutrina religiosa [0:20] que seja aceita uniformemente por todos e que possa servir de mediação entre o governo e o povo. Com base nessa doutrina, o povo poderia julgar os atos do governante, agora não tem mais isso, agora só tem opinião individual. O único fator unificante e ordenador do conjunto é a Razão de Estado. Isso foi a situação de fato criada pelo protestantismo. Se ao mesmo tempo aparecem igrejas protestantes difundindo idéias democráticas, essas idéias vão ser consagradas apenas na doutrina, e não da realidade do Estado que está sendo construído.

Por outro lado, não se pode esquecer que quem difundia as doutrinas democráticas não era a Igreja Reformada, mas uma facção da Igreja Reformada que era perseguida na Inglaterra pela, sim, Igreja Reformada — a qual que mandou matar quarenta mil pessoas no seu primeiro ano. Houve lá uma facção chamada os Puritanos que também eram revolucionários (na cabeça deles) e que tiveram de fugir para América. Ou seja, a América foi fundada por vítimas da Igreja Reformada, a qual também perseguia os católicos. Na Inglaterra todo mundo tinha direito à liberdade de opinião, exceto se você católico ou puritano. E os puritanos fugiram

para cá e, respondendo à perseguição repressiva da Igreja Reformada, começaram a alardear idéias democráticas. Foi isto o que aconteceu. Não foi a Reforma, foram as vítimas da Reforma.

Não é preciso dizer qual dessas duas forças acabou por prevalecer. O clássico estudo de Bertrand de Jouvenel, *Du Pouvoir, Histoire Naturelle de sa Croissance* (1949), demonstrou de uma vez por todas que o crescimento do poder do Estado, com a conseqüente atrofia das liberdades individuais, é a mais nítida constante da História ocidental moderna, pouco importando se falamos de “democracias” ou de “ditaduras”.

Portanto, não se trata da formulação doutrinal do regime, nem mesmo dos seus diplomas legais, mas trata-se da prática real, do que acontece na política real. O poder do Estado cresce nas democracias como cresce nas ditaduras, cresce às vezes por meios diferentes, mas cresce de qualquer maneira. Portanto, as liberdades individuais se atrofiam. Você veja o que acontece hoje, por exemplo, com essa campanha antitabagista. Começa a proibi-lo de fumar em certos lugares, depois não pode fumar na rua, depois não pode fumar na sua própria casa, mas pode continuar produzindo cigarro. Se você quer eliminar isso completamente, proibida a produção e a venda. Por que você permite a produção e a venda, mas proíbe o consumo? Porque da produção e da venda você ganha imposto. É claro que isso é uma imensa trapça, o governo continua ganhando dinheiro. Na França, a produção de cigarros é monopólio do governo. O governo produz todos os cigarros e proíbe fumá-los. É evidente que ele sabe que o pessoal não vai parar de fumar assim. É só para desmoralizar as pessoas, quebrar a sua vontade, obrigá-las a seguir o que o governo está dizendo não na esfera das atitudes políticas, mas da atitude mais individual que existe que é você pegar um cigarro e acender.

Mesmo na mais louvada das democracias, o Estado é hoje o mediador e juiz soberano de todas as ações e relações humanas, até as mais particulares e íntimas, com uma sanha controladora e uma prepotência invasiva desconhecidas em todas as sociedades anteriores – com uma única exceção, a ditadura de João Calvino em Genebra, o que não é de maneira alguma uma coincidência.

Enquanto a Reforma, em geral, suprimindo a mediação eclesiástica, deixava a massa dos indivíduos à mercê da única força unificante, que era a Razão de Estado, ao mesmo tempo, um dos teóricos protestantes mais importantes, que é João Calvino, concebia a idéia de um Estado feito só de pessoas santas e onde, portanto, o Estado tinha o direito de fiscalizar todos os atos da vida individual, inclusive os mais íntimos, e os cidadãos estavam obrigados a se espionar uns aos outros o tempo todo e denunciá-los para o Estado. Este foi o primeiro regime totalitário do mundo, este regime foi uma coisa que nem os muçulmanos conceberam. Porque no Islam — com todo o aspecto totalitário que também existe, sem dúvida — espionar a vida privada é estritamente proibido. Existe até uma história do califa Omar, que era um dos descendentes do cargo de Maomé, um dos chefes do Islam, que um dia ouviu um barulho numa casa, olhou pela janela para ver o que estava acontecendo, e o pessoal estava fazendo a maior suruba. Ele puxou da espada e [disse]: “Está todo mundo preso”, e eles: “Não, quem está preso é você, porque você está espionando”. Ele embainhou a espada, disse: “Desculpe pelo vexame” e foi embora quietinho. A vida privada no Islam ainda é sagrada. É a história de que a casa de um homem é o seu castelo, como se diz na Inglaterra. Em Genebra, não era assim, na Suíça de Calvino não era assim. A casa de um homem é uma casa de vidro que está sendo espionada pela autoridade eclesiástica lá fora e espionada pelos vizinhos que vão denunciá-lo. Então o totalitarismo é uma invenção de João Calvino, não existiu nada disto no mundo antes, nem nas de tiranias islâmicas isso existia.

Ora, mas é evidente que isso é uma conseqüência imediata da própria proposta de Lutero. João Calvino simplesmente tirou uma conseqüência: se só o que governa é a Razão de Estado,

é necessário que a Razão de Estado seja cristianizada. Se você aceita a premissa, tem de aceitar a consequência, quer dizer, não podemos acusar Calvino de ter sido ilógico. Ele tirou a consequência teórica e doutrinal de uma situação de fato que tinha sido criada pela própria Reforma.

A experiência tem provado que os direitos e garantias individuais, assegurados verbalmente na Constituição americana e no *Bill of Rights*, nada podem contra a expansão avassaladora dos controles burocráticos amparados numa complexa tecnologia, (...)

Ora, hoje em dia, por exemplo, o FBI tem meios de escutar a nossa conversa aqui a dois quilômetros de distância. O governo tem instrumentos de ação que estão infinitamente acima do alcance dos cidadãos e os usa para se intrometer cada vez mais na vida dos cidadãos e eliminar a sua liberdade dentro da sua casa, que teoricamente é o seu castelo. Quando se revelou, por exemplo, a onda avassaladora de telefones grampeados — telefone de jornalistas, telefone de gente da oposição, telefone de outros países (ouviram até conversa da Dilma) —, Isto é a autoridade invasiva do Estado amparado por uma tecnologia que está acima do alcance do cidadão. Carroll Quigley, no livro *Tragedy and Hope* — que é o livro mais importante sobre o poder global porque escrito por alguém que pertencia à comunidade globalista e que era um assessor técnico importante desses poderes globalistas — diz que a história se divide entre períodos de mais liberdade ou menos liberdade conforme as armas sejam de tipo acessível a cada um ou acessível só a minoria (a minoria governante, evidentemente).

Por exemplo, o advento das armas de fogo foi um fato democratizante porque todo mundo podia ter. No século XIX, nos EUA, um revólver custava US\$ 2-3, literalmente todo mundo tinha. Então, é claro, esse é um período de liberdade. Porém, à medida que as armas se tornam mais complexas e mais sofisticadas tecnologicamente, elas já não são mais acessíveis à maioria, só o governo pode ter. Por exemplo, não tem jeito de o cidadão comprar um tanque de guerra, não tem jeito de ele comprar um porta-aviões, não tem jeito de ele comprar um míssil atômico. Então automaticamente as armas baratas que haviam nivelado os direitos e poderes voltam a funcionar no sentido hierárquico. E esses instrumentos de espionagem que o governo tem hoje são ainda mais inacessíveis do que tanques de guerra e porta-aviões, porque às vezes é necessário um centro computacional capaz de reunir todo esse material ordenado que é do tamanho de uma cidade. Quem pode ter isso? Só o governo. Aí significa que a democracia acaba. Ela ainda está consagrada [0:30] nas leis. Então é preciso reinterpretar as leis no sentido de que este crescimento do poder do Estado e esta destruição das liberdades individuais é a própria democracia. O texto continua o mesmo, mas o seu sentido inverteu.

(...) nada podem contra a expansão avassaladora dos controles burocráticos amparados numa complexa tecnologia, mesmo no caso em que estes se voltam patentemente contra os interesses nacionais mais óbvios, como é o caso de tantas medidas do governo Obama.

O governo Obama está espionando não para assegurar o poder nacional americano, mas para destruí-lo. Isso todo mundo sabe. Ele quer dar o poder aos islâmicos, nada mais pode disfarçar isso aí. E, no entanto, ele tem sob o seu comando todo esse aparato.

Aliás, a Reforma ainda teve uma segunda consequência, especialmente nos EUA. Na medida em que você tira de campo a autoridade religiosa mediadora e sobra só as consciências individuais, de um lado, e a Razão de Estado, de outro, é claro que a Razão de Estado vai vencer. Porém, essa situação não é natural, ela é muito desequilibrada. Então tem de surgir um poder religioso informal, não declarado como tal, que será ele o mediador. E, nos EUA, esse poder é Maçonaria. Não espanta portanto que tantas igrejas protestantes estejam

intimamente ligadas à Maçonaria. Muitas delas são criadas pela Maçonaria, simplesmente, são uma fachada cristã feita apenas para derrubar a Igreja Católica e consagrar o poder da Maçonaria. É claro que alguns pastores, muitos até, acabam ficando chocados com o que vêem dentro da Maçonaria e saem atirando. Há uns artigos de William Schnoebelen que, aliás, escreveu um livro antimaçônico excelente. Ele é um sujeito que chegou no 33º grau da Maçonaria, viu que aquilo lá era tudo um negócio satânico e saiu atirando. Eu acho que é um dos melhores livros que foram escritos a respeito. É um pastor protestante, ele fez carreira dentro da Maçonaria. Existem muitos que fazem.

Portanto, também não é de estranhar que a indústria da difamação anticatólica continua eminentemente explorando lendas urbanas e mitos criados pelo protestantismo, como a venda das indulgências, o mito da Inquisição. Leiam dois livros importantes, o de Henry Kamen, *The Spanish Inquisition: A Historical Revision*, e o de Edward Peters, *Inquisition*, e você vão ver que uma coisa é a realidade histórica do que foi a Inquisição e outra coisa é o mito da Inquisição que é propagado nas escolas, nos filmes, nos shows de TV. Aqui toda hora você liga qualquer show de TV de pastor protestante, estão eles lá falando da Inquisição, dos horrores da Inquisição, dos instrumentos de tortura da Inquisição. Esses instrumentos de tortura da Inquisição são todos inventados. Todos os historiadores profissionais do mundo sabem disso. Houve em 1998 o Simpósio Internacional sobre a Inquisição, convocado pelo Papa João Paulo II e realizado na Cidade do Vaticano, entre 29 e 31 de outubro, porque o Papa queria tirar a limpo essa história da Inquisição²; ele chamou especialistas do mundo inteiro, de todas as religiões ou sem religião nenhuma, para ver os fatos. Nas conclusões: esses instrumentos nunca existiram, isso é fake, foi inventado nos séculos XVIII-XIX para fins de propaganda. Algumas pessoas dizem “a Inquisição matou milhões de pessoas”. Façam as contas e vocês verão que a Inquisição Espanhola matou vinte mil pessoas em quatrocentos anos, em doze países³. Qualquer democracia condena à morte mais pessoas do que a Inquisição, sem contar que a Reforma, em um ano, matou o dobro disso na Inglaterra. No entanto, o mito está aí. A minha pergunta é esta: se os seus argumentos teológicos são tão lindos, maravilhosos, por que você precisa reforçá-los com tantos mitos, lendas, mentiras, lendas urbanas etc.?

O pessoal também diz que quem inventou isso não foram só os protestantes, mas os iluministas. Acontece que os iluministas começaram dois séculos depois dos protestantes. Esta lenda da Inquisição foi criada inteiramente por protestantes e simplesmente repetida pelos iluministas. Os iluministas inventaram a sua parte. Tem especialmente dois mitos que são muito queridos dos iluministas e que esses os protestantes não têm culpa nenhuma. Um é o mito de que os conventos católicos estão cheios de cemitérios de bebês abortados pelas monjas. Isso foi inventado no século XVIII. Leiam o livro de Paul Hazard, *O Pensamento Europeu no Século XVIII*, está tudo lá. Hazard não é um apologista católico, é talvez o maior historiador da França no século XX.

E o outro mito é o das monjas prisioneiras criadas pelo Denis Diderot no romance *A Religiosa*, do qual fizeram um filme de mesmo nome em 1966 (portanto ainda no século XX), dirigido por Jacques Rivette. Esse filme foi de enorme sucesso, ganhou prêmio em Cannes etc. Eu já contei essa história aqui: Denis Diderot escreveu esse romance dizendo que se baseava em fatos reais, que ele tinha a documentação recebida diretamente da personagem, de seus parentes, onde uma monja, que queria abandonar as ordens monásticas, foi mantida prisioneira no convento para que não saísse. E, no século XX, se descobriu uma documentação

² Cf. <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981031_simposio.html>. As atas do congresso foram organizadas por Agostino Barromeo, v. *L'inquisizione*.

³ Isso resulta em menos de 5 pessoas por ano e por país.

(cartas de Diderot) na qual ele confessava que tinha inventado tudo e se divertia muito de estar enganando as pessoas. Porque, na verdade, essa monja não podia mantida prisioneira, em primeiro lugar, porque, na época, havia quatro tribunais eclesiásticos em Paris, aonde uma pessoa que não tinha vocação religiosa podia recorrer para ser dispensada das ordens, e a quase totalidade dos pedidos era aceito. Por quê? É óbvio que uma ordem monástica não quer ali dentro pessoas não vocacionadas. Em segundo, a monja em questão não podia ser mantida prisioneira pelo simples fato de que ela era a porteira do convento e ela que tinha a chave, ela entrava e saía quantas vezes quisesse. E, em terceiro lugar, essa monja só saiu do convento durante uns dias para receber uma herança que ela tinha no interior, mas quando ela chegou lá, não tinha herança nenhuma, ela voltou para o convento. Ficou no convento até que veio a Revolução Francesa e fez aquela matança de monjas, que é relatada na peça de Georges Bernanos, *O Diálogo das Carmelitas*. Ela foi uma das vítimas disso, ela foi executada pela Revolução Francesa.

Esses dois mitos — dos bebês abortados e da monja prisioneira — foram criação exclusiva dos iluministas. Porém, o mito das indulgências, o mito da Inquisição e o mito de que a Igreja Católica foi fundada por Constantino, que é de um ridículo sem par, tudo isso é invenção protestante.

Eu nunca fiz a lista dos shows de TV anticatólicos. Até pedi para o Ted Baehr — que é um especialista na coisa, que escreveu um guia dos *shows business* americano com quatro décadas de críticas de filme — que ele me fizesse a lista completa dos filmes anticatólicos produzidos por Hollywood. É um oceano de filmes, é uma coisa monstruosa. E não é anticristão de modo geral, é anticatólico especificamente. E existem filmes antiprotestantes? Podem existir, mas eu só vi um na minha vida: *Fanny e Alexander*, do Ingmar Bergman — que não era católico, ao contrário, era um sujeito, por origem, pertencente à própria igreja que ele estava demolindo. Esse filme é a história de um pastor tirânico que mantém duas crianças escravizadas, que são salvas por um rabino. Um ataque tão violento contra a uma igreja protestante eu só vi esse, ao passo que contra a Igreja Católica existem milhares. Mas o pessoal diz: “Acontece que os donos de estúdios são todos judeus. Então isso aí não é coisa de protestante, é coisa de judeu”. Não é assim. Por que os temas e as histórias e os mitos reproduzidos nos cinemas são os mesmos que os protestantes inventaram, o sujeito só faz uma versão cinematográfica daquilo. E o impacto dessas coisas na mentalidade popular é muito maior do que de qualquer livro de história. Quer dizer, os historiadores podem dizer o que quiser, o que vale é o que está no filme e que os pastores analfabetos brasileiros repetem.

E tem pessoas que têm a ousadia de ser meu aluno e ainda seguir o que dizem esses pastores. Vocês não viram a história do pastor que leu que Deus mandou o profeta casar com a mulher adúltera? Ele entendeu que Deus o mandou cometer adultério com ela, porque [0:40] ele não entendeu o acento “adúltera” e leu “adultera”. Isso está no You Tube. De pastores como esse está cheio no Brasil. E não acredito que esses que vocês seguem sejam muito melhores do que isso. É muito ousadia. Eu venho aqui e falo com a autoridade dos fatos, dos documentos, dos argumentos, da racionalidade etc. Daí chega o pastor e fala: “Eu falo com a autoridade da Bíblia, porque eu estou salvo, eu sou um dos eleitos. E a Bíblia disse isso, a Bíblia disse aquilo”, e vocês seguem! Onde tem a cabeça? Como tem a cara de pau de ser meu aluno? Alguns passaram esse tempo todo, não têm sequer o domínio da língua portuguesa e ainda ficam palpitando.

Ora, se você quer falar em nome da Bíblia, a condição número um é que você domine a língua na qual você a está lendo. Se dominasse, você saberia no mínimo distinguir o que é uma figura de linguagem e o que é uma afirmação literal. Quando Jesus Cristo disse: “Deus pode produzir

filhos para Abraão com estas pedras”, é claro que Deus pode, mas Deus não faz isso. Ele nunca fez, e não tem razão para fazer. Deus, só para mostrar que é gostoso, vai falar: “Está aqui a pedra, eu fazer um filho para Abraão”? Ele pode fazer, mas isso seria uma demonstração de poder absolutamente anti-estética e irracional. Então claro que aquilo é uma hipérbole. Deus faz filhos de Abraão pelo mesmo jeito que faz os filhos para todo mundo: através da fecundação. E ao fazer a fecundação na Virgem Maria pelo Espírito Santo, o Espírito Santo fecunda o quê? Um óvulo de Maria. Portanto, o sangue de Maria. Não é uma questão teológica. Agora, basta tentar apreender o sentido óbvio e patente de uma frase da Bíblia, ou seja, usar a minha experiência de mais de meio século de manejo da língua portuguesa, para entender o que está escrito na tradução de Padre Antonio Pereira de Figueiredo ou da tradução de João Ferreira de Almeida (que é protestante), simplesmente usar isso, as pessoas acham que uma discussão teológica. Não estou proclamando o que estou dizendo como dogma da fé, estou proclamando como sentido explícito das palavras. Veja, se as pessoas não sabem entender o que eu estou dizendo, como é que vão entender o que a Bíblia está dizendo?

Por exemplo, quando escrevo que não estou qualificado para discutir teologia, estou querendo dizer que deixo esse assunto para pessoas mais preparadas — talvez dentro de alguns anos eu entre nisso; mas as pessoas não entendem que é uma demonstração de modéstia. Não estou dizendo que sou analfabeto em teologia, eu sei muito mais teologia do que essas pessoas, só não considero lícito eu sair proclamando dogmas da fé com meus próprios argumentos. Quando eu proclamo dogmas da fé, simplesmente pego o que a Igreja falou. Eu não tenho obrigação de conferir um por um e criar argumentos meus para sustentar isso aí, que seria o que o teólogo faria. Quando a menina lê isto e diz: “Se o cara disse e depois ele dá opinião sobre teologia é desonestidade”. O quê? Porque não me considero qualificado para entrar em altas discussões teológicas, isto é, para discutir com teólogos de verdade, eu não posso tentar entender a expressão de uma frase da Bíblia em língua portuguesa? Olha, Daniela Salum, você é uma farsante, uma puxa-saco, você está fora deste curso, sem volta; e outros também.

Eu vou aproveitar e fazer uma limpa nesse curso. Vou sentir falta de vocês? Talvez eu sinta falta da sua mensalidade, mas de você não. A sua mensalidade só serve para manter no curso alunos melhor qualificados do que você. Tem muita gente que não pode pagar. Então aqueles que pagam sem ser capazes, sem ser qualificados, ajudam aqueles que são qualificados sem poder pagar. Muita gente tem bolsa aqui. E a sua mensalidade servia para sustentar esses, porque você não aprendeu nada, nem tem capacidade de aprender. Tem muitas mocinhas que estão nesse caso, e essas mocinhas serão varridas daqui de dentro. Eu não quero gente assim. Se depois de anos de curso, você ainda não é capaz de ler um parágrafo meu e entender, e quer dar palpite do que está escrito Bíblia? Ora, então você é um anti-exemplo, você é exatamente o contrário de tudo o que quero que meus alunos sejam. Eu criei este curso para criar uma geração de intelectuais honestos, qualificados e capazes, porque eu entendi que isso era uma necessidade premente para o Brasil.

Poucos anos de curso bastaram para fazer surgir cursos, blogs, revistas, livros etc. de uma qualidade excepcional e que estão mudando todo o panorama; e isso por sua vez teve efeitos políticos monstruosos. Ou seja, estou aqui como o japonês que estava dando descarga na privada na hora da bomba de Hiroshima: não esperava um efeito tão grande, mas aconteceu. Agora, os efeitos políticos não me dispensam de continuar insistindo na formação dos intelectuais. Isso aqui não é um curso de antipetismo. O antipetismo é apenas uma consequência lateral, é uma exigência elementar obrigatória. Quer dizer, o sujeito não vai estudar tudo isso para depois continuar acreditando em Lula, Dilma etc. Aí seria o fim da picada também.

Note bem, essa discussão na internet começou com um parágrafo em louvor a Nossa Senhora, que foi respondido com xingamento mesmo. Teve até pessoas honestas envolvidas. Tem uma moça muito honesta, a Paula Félix, que disse: “Mas Jesus disse que o maior dos seres humanos era João Batista”. Ele disse: “O maior dos nascidos de mulher”. O que Ele quer dizer com nascidos de mulher? Quer dizer nascidos pelas vias fisiológicas normais, o que não é o caso dele mesmo. Isso deu muitos séculos de discussão e resultou no dogma da Imaculada Conceção de Maria, ou seja, Maria foi concebida sem pecado, então ela não está na mesma categoria de João Batista. Até expliquei isso para a Paula. Embora ela tenha nascido de mulher, ela não nasceu de mulher do mesmo modo que nasceu João Batista e que nascemos todos nós, ela foi concebida sem pecado. Isso foi a conclusão de séculos de discussão na Igreja Católica. E quando esse dogma foi proclamado, teve uns poucos que ficaram contra que se chamavam *os velhos católicos*. Uma curiosidade: um dos velhos católicos era o nosso Rui Barbosa, que vivia dando palpite em teologia, embora estivesse excluído da Igreja por ser maçom. Mas ele achava que era católico. Isso é coisa típica de brasileiro: neguinho está na Maçonaria e acha que está firme dentro da Igreja Católica. Só na cabeça de brasileiro isso pode acontecer.

Fernando Galvão, que foi o tradutor de René Guénon, uma vez escreveu para René Guénon dizendo que na história do Brasil está cheio de padre maçom, bispo maçom, católico maçom. E René Guénon, que era o maior conhecedor de Maçonaria no mundo, quase caiu de costas e disse: “Nunca vi uma coisa dessas no mundo. Isso aí só acontece no Brasil. Católico maçom, só no Brasil”. Rui Barbosa é um desses católicos maçons. Até hoje ainda tem. O Cardeal-Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão era maçom, para você terem idéia. O Brasil é o país da acomodação: tudo pode acomodar.

Você alegar contra o que eu disse de Maria a frase de Jesus sobre João Batista não tem a ver. Por quê? A Imaculada Conceção coloca a Virgem Maria numa categoria *sui generis*: só ela foi assim. Cristo não se referiria a ela como simplesmente nascida de mulher, isto é, nascida pelas vias normais. Mas isso foi uma objeção séria, uma objeção honesta, eu acho. Não foi nem mal educada, nem idiota. Simplesmente ela tinha uma pergunta e a fez. Todo mundo tem o direito de fazer pergunta e até de fazer objeção. Mas o sujeito não responder nada sobre o que eu disse, sobre cinco séculos de indústria de difamação e sair dizendo “velho gagá”, “só fala bosta”, “comeu hóstia estragada” e depois dizer que eu só tenho xingamento, e não argumento, isso mostra que, não é que você não está qualificado para esse curso, você não está qualificado para falar comigo. Você não serve para entrar na minha casa. E Daniela Salum, **[0:50]** se você entrou na casa da minha mãe, foi por engano. Se eu soubesse quem você é, você entraria jamais na casa da minha mãe. Daí os caras vão dizer que sou malvado, fiz as menininhas chorarem. Você tem de chorar o resto da sua vida pelo o que você está fazendo, desgraçada. Difamadora barata, vagabunda.

Vocês acham que o Brasil vai ficar melhor sem o PT? Não vai, porque o que vem no lugar dele é esse tipo de gente. É pastor ladrão, pastor pedófilo. Você sabe que o número de pastor pedófilo é enormemente maior que o do padre pedófilo. Por que a mídia inteira, sobretudo americana, só fala de padre pedófilo? É instigada a isso por igrejas protestantes, evidentemente.

Não cabe sequer alegar que essa exaltação abusiva do poder estatal foi apenas – para usar a expressão de Weber – um “resultado impremeditado” da Reforma, já que Lutero, a contrapelo da doutrina tomista que proclamava o direito de rebelião contra injustiças em geral, advogava ostensivamente a submissão total e incondicional dos cidadãos ao governante, admitindo a revolta só no caso específico de o Estado interferir em questões de religião.

Isto é importante. Lutero dizia que você não pode desobedecer ao governante jamais, você não pode se rebelar contra ele jamais, exceto admitindo a revolta só no caso específico de o Estado interferir em questões de religião. Esta é a configuração do Estado leigo moderno.

Essa dupla exigência – a submissão integral ao Estado e a abstinência deste em matéria religiosa – forma o perfil claro do “Estado laico” moderno, onde necessariamente o argumento religioso perde toda força contra a racionalidade “neutra” da vontade estatal e acaba sendo banido do cenário político, quando não de toda a vida pública.

Que exatamente o que está acontecendo. Eric Voegelin, na *História das Idéias Políticas*, assinala a tremenda inépcia de Lutero e Calvino na compreensão da situação política do tempo. Eles não entendiam o que estava acontecendo. Simplesmente pegavam a Bíblia e saiam gritando regras, sem calcular o efeito prático real que isso teria. Qualquer pessoa com um pouco de lucidez perceberia que a supressão da autoridade espiritual deixaria o povo dividido em opiniões individuais inteiramente à mercê da vontade unificante do Estado. Qualquer um podia perceber isso. Como é que esses caras não perceberam? Simplesmente não tinham qualificação para obter uma liderança do tamanho da que obtiveram. Isso não quer dizer que estivessem errados em tudo, de jeito nenhum. Eu acho que tem muitas questões que o protestantismo levantou que são muito sérias e que muitas delas não têm resposta. O sujeito ter razão aqui ou ali não elimina o aspecto catastrófico das consequências dos seus atos.

Quando Karl Marx disse que a filosofia dele era uma herança direta da Reforma, ele sabia o que estava dizendo. Este voluntarismo, este ódio contra toda autoridade espiritual, quer dizer, não existe a autoridade espiritual, só existe a alma e Deus; se você tem uma autoridade espiritual institucionalizada, ela é falsa, ela usurpou a autoridade de Deus. A autoridade de Deus só pode falar para o coração dos indivíduos, ela não está representada por nada, ela não tem representação pública. Então só tem duas soluções. Uma é: a sociedade inteira é religiosa e oferece resistência ao Estado, então ela se torna autoridade espiritual de si mesma — o que é impossível devido à pluralidade de correntes. É engraçado o protestante falar mal de divisão, quando o protestantismo é necessariamente divisão! É divisão, subdivisão e põe mais um pouco de divisão. Aparece uma igreja protestante a cada dez minutos pelos motivos mais fúteis: vou romper com essa igreja e criar a minha própria porque o pastor comeu a minha mulher. É assim. Quem não sabe que é assim? É a fundação de igrejas por motivos fúteis, que se multiplicam, se dividem e dividem e dividem e não pára mais. Isso já é um dos aspectos do enfraquecimento da autoridade religiosa, ao ponto da quase desaparecimento.

Na verdade, o pouco de decência que ainda existia na cultura cinematográfica, por exemplo, era devido inteiramente à Igreja Católica. Prestem atenção: isso é um fato histórico. Até os anos 60, todos os estúdios de Hollywood (embora a quase totalidade deles fossem de propriedade de judeus) se submetiam ao julgamento de uma comissão de consultores católicos nomeados pela Arquidiocese. Todas as propostas de filme passavam por essa comissão. E é por isso que você tinha tantos filmes cristãos, você tinha filmes decentes, filmes para família, filmes para criança etc. Quando essa comissão foi desfeita, Hollywood inteira se transformou numa máquina de propaganda anticatólica que dura até hoje, e que contribui enormemente para a destruição da civilização ocidental. Aliás, Eric Voegelin assinala isto: Lutero era eminentemente uma força destrutiva. Notem bem: Voegelin era um luterano e pediu para ser enterrado na Igreja Luterana. Embora não fosse um cara que a freqüentasse muito, ele se considerava luterano e pediu para ser enterrado lá com o rito luterano. E ele ainda assim disse que Lutero era um sujeito que tinha ódio da civilização e tudo o que ele fez foi para destruir.

Pior, existe um outro elemento em Lutero que nós observamos nessas pessoas. A pessoa que reage a argumentos históricos tão bem comprovados, tão bem fundamentados, como esse da indústria da difamação anticatólica, e reage a isso xingando apenas, desqualificando ou fazendo joguinho de palavras como essa Daniela Salum, evidentemente não tem consciência cristã nenhuma, é zero. Mas essas pessoas vão nessas igrejas e são ensinadas pelo pastor a dizer “eu estou salvo”. Quando dizem isso, elas estão expressando o quê? É uma consciência culpada que não quer ter um confronto consigo mesma. Ela não sabe se está salva, ela tem tanta incerteza da salvação quanto eu. Eu imploro pela minha salvação. Até já fiz muito piada a esse respeito. Espero que, no Juízo Final, Jesus Cristo seja capaz de inventar um pretexto convincente para me botar lá dentro, para não me mandar para o inferno. É uma brincadeira evidentemente no sentido de que não mereço absolutamente, e conto apenas com a Sua misericórdia. Os outros chegam lá e dizem “estou salvo”. O que é isso? Isso é um desejo histórico de atenuar um temor da condenação que continua dentro das suas almas. E Lutero foi assim a sua vida inteira: ele tinha terror de ir para o inferno, e por isso proclamava que estava salvo. Ele disse: “O único jeito que eu tenho de aliviar isso é dizer eu estou salvo, estou salvo, estou salvo, estou salvo”. Isso não é religião, isso é histeria. Eu não estou fazendo um argumento teológico, estou falando de um argumento histórico e psicológico! Mas como vou fazer uma idiota entender isso? Não estou falando só da Daniela. Daniela Salum, para mim, é um coletivo. Tem umas vinte pessoas neste curso que são assim.

Essa autoproclamação da sua salvação é uma coisa altamente blasfema, e ela só pode ser perdoada porque Jesus vai dizer: “Esse cara estava tão aterrorizado com o inferno, ele estava histórico e pronunciava isso para acalmar o seu medo”. Numa pessoa normal, seja católica, seja protestante, a incerteza da salvação provoca não um medo, mas uma tristeza. Se você pensar que você pode ficar isolado de Jesus Cristo, de Nossa Senhora, dos santos todos, e vendo só coisa feia por toda a eternidade, isso é de chorar. Se você reage a isso com medo, então você começa a proclamar que está salvo e a falar “louvor e glória a Nosso Senhor Jesus Cristo”, você está querendo acalmar o tirano que você teme. Você é como a vítima de um assassino que, para aplacar a fúria dele, faz de conta que o ama: “Eu te amo, não faça isso comigo”. É esta a atitude dessa gente, este é o sentimento religioso dessa gente!

Aluno: Não encara Deus pela misericórdia?

Não encara Deus pela misericórdia. Na verdade, ele não precisa da misericórdia, porque a misericórdia já lhe foi dada e ele já foi salvo antecipadamente, ele não precisa mais. Esta proclamação de que está salvo é a reação histórica ao medo do inferno. E isto é o centro da psicologia de Lutero. Isso não é teologia, isso é história e psicologia. É só estudar a vida de Lutero, as suas atitudes, e você vai ver que é isto.

Isso quer dizer que o fundo emocional dessa gente é muito sujo, muito porco e muito deprimente, **[1:00]** e é por isso que tem esse tipo de atitude. É possível ser protestante sem isso? Claro que sim. Eric Voegelin era protestante sem isso, assim como Abraham Kuyper e tantos outros. Heinrich von der Hagen também era protestante sem isso. Ou seja, o que estou falando se refere eminentemente ao evangelismo brasileiro: que é porco na sua origem, no seu desenvolvimento, nas suas atitudes públicas e no seu oportunismo. Por quê? A ascensão do evangelismo foi uma das grandes forças que fizeram o PT; assim como fizeram o crescimento da Maçonaria aqui nos Estados Unidos. Depois ficam horrorizados e saem atirando. Esse pessoal rompeu com o PT quando o PT, ajudado por eles e pela própria Igreja Católica, subiu, viu que tinha o poder, e então começou a tirar a máscara cristã e exigir o abortismo, o gayzismo, a ideologia de gênero etc., o que levou estas pessoas a se revoltarem contra estes pontos específicos.

No meio católico, por exemplo, eu levei quase vinte anos para mostrar a alguns dos melhores conservadores de lá que no PT havia algo de errado além do abortismo. Porque eles só pensavam nisto — a coisa que pisava no calo da sua religião. No final das contas, eles estão cumprindo a profecia de Lutero: o Estado pode tudo, exceto quando ele se mete na religião; então podem roubar, trapacear, implantar o comunismo, que eles ficam todos quietinhos. Agora, mexeu na nossa religião, aí não! Que é isso? É o mundo de Lutero, ou seja, dentro do mundo criado por Lutero, até os católicos agem como luteranos: suportam tudo do Estado.

Vou terminar de ler este parágrafo para concluir a explicação:

Lutero, a contrapelo da doutrina tomista que proclamava o direito de rebelião contra injustiças em geral, advogava ostensivamente a submissão total e incondicional dos cidadãos ao governante, admitindo a revolta só no caso específico de o Estado interferir em questões de religião.

Ou seja, São Tomás de Aquino admitia a rebelião contra uma injustiça, contra a roubalheira, contra qualquer procedimento imoral do governante. Mas, Lutero dizia: “Não! Só se mexer na nossa religião!” Qual foi a consequência disso? Decorridos cinco séculos, os católicos e protestantes brasileiros agiam exatamente assim: ajudaram o PT a subir no poder, a roubar, a implantar o comunismo, a estatizar a economia inteira, a criar miséria, e então de repente ele mexeu em um ponto que é contra a nossa moral religiosa e nós estrilamos!

Tardiamente. Se tivessem entendido que, como cristãos, tinham a obrigação de combater o comunismo desde o início, isso não teria acontecido. Ou seja, devemos esta situação à Igreja Católica e à Igreja Protestante. Tudo igual! Depois, o monstro que eles criaram se vultam contra eles mesmos; é quando aparece gente cuspiendo em Marco Feliciano no avião, querendo bater em pastor protestante, fazendo esta porcaria que a revista *Super Interessante* acabou de fazer contra as igrejas evangélicas — e quem é que tem de sair para defendê-las? Eu!

Estou defendendo estas igrejas contra injustiças faz vinte anos. Mas se falo uma coisinha baseada em argumento histórico sério: “Ah! Você é um velho gagá, só fala bosta! Você é vigarista!” É assim! E completam com “você só tem xingamento, não tem argumento”. Mas que coisa mais histérica, uma inversão! Eu estou aqui mostrando os fatos históricos e não respondem nada, mas lançam xingamentos, buscam contradições verbais aparentes que qualquer principiante do COF teria a obrigação de identificar. Depois dizem que quem só tem xingamentos, e não argumentos, sou eu. Isto é inversão, evidentemente.

Tenho aqui seis páginas cheias de argumentos, e vocês não responderam a nada. Desviam para a discussão teológica — como este palhaço deste Henrique Lins (?). Ele diz: “Ah, mas eu queria que se definisse quanto ao batismo de desejo, já que você não tinha posição...” Não tinha e não tenho até agora! Eu não estudei o assunto: eu ouvi falar. Vocês lêem uma coisinha dos Irmãos Dimond — uma dupla de loucos que de vez em quando falam a verdade —, ou lê um elogio aos dois e já saem gritando. Você acha que isso é suficiente para opinar sobre esta questão? Você acompanhou as discussões, os concílios sobre isso? Nada! Não está sabendo de coisa nenhuma, mas tem a sua posição e quer que eu também tenha — como se eu fosse obrigado a ter uma opinião teológica. E porque eu não a tenho, os caras acham que eu também não conheço a realidade histórica: eu não posso saber que os protestantes inventaram o mito da inquisição, que os protestantes inventaram o mito da venda de indulgências etc., não posso saber tudo isso.

Por que os católicos não reagem à máquina de difamação anticatólica? Porque eles querem algo chamado ecumenismo: “Não! Vamos botar panos quentes; vamos esquecer; vamos perdoar”. Isso não quer dizer que não saibam que estão sendo enganados. Tanto sabem, que escrevem livros acadêmicos e artigos em jornais — católicos apenas, que ninguém lê —, explicando as coisas, e então eu fico sabendo porque eu li estes livros, esse material todo. Eu li a acusação e a defesa.

Um dos primeiros livros que eu li sobre a inquisição foi o do Henry Lea — um clássico americano — que pinta a Inquisição nos termos mais monstruosos que você pode imaginar. Esse foi um dos primeiros livros que eu li — e acreditei. Quando depois aparecem padres, bispos e papas pedindo desculpas pelo o que a Inquisição fez, eles estavam mentindo contra a sua própria Igreja. Eles só leram o material contra e não têm nada a alegar a favor. Por exemplo, as atas do congresso *L’Inquisizione*⁴ — feito por convocação do Papa João Paulo II: os trabalhos apresentados pelos historiadores demonstram que a lenda negra da Inquisição é inteiramente falsa e, não obstante, no prefácio, João Paulo II pede desculpas pelos crimes da Inquisição. Mas como pedir desculpas pelos crimes se todo o resto do livro está mostrando que os crimes não existiram? É porque é obrigatório; o Papa tem de ser bonzinho com os protestantes. Até João Paulo II — que sob certos aspectos foi um grande papa —, quando abordava este ponto do ecumenismo, era de uma fraqueza que posso dizer, abjeta. Era obrigado a beijar o Corão, dançar com o pessoal animista etc. Que é isso? Ele tinha grandes coisas, mas também tinha este lado vergonhoso. E os outros? Os outros eram piores ainda! E este que está agora? Bom, este aí... Não me contem o que o Papa Bergoglio falou, eu não quero saber.

Se digo coisas horríveis contra o Papa, ou contra o Concílio Vaticano II, ou contra os conservadores, contra os tradicionalistas, então toda a cambada evangélica aplaude. Mas, se eu digo realidades históricas, patentes, mais do que provadas, aí: “Ele está discutindo teologia, está entrando num terreno que desconhece, terreno que, ele mesmo, diz que desconhece”. Digo: aqui tem dez linhas minhas que podem ser interpretadas como tendo algum alcance teológico, mas dez linhas no meio de seis páginas meu Deus do céu! E, notem bem: o principal do que escrevi é sobre o lado histórico da coisa, não sobre o lado teológico. Posso até concordar com vocês: eu não ligo muito para discussão teológica, porque se há um mérito que a filosofia analítica tem é o de ter nos ensinado a descobrir, por trás de uma discussão, o que é apenas um erro de palavras, uma construção frasal errada. Aprendemos isso com Wittgenstein, com Bertrand Russell — se bem que não foram eles que inventaram isso, mas fizeram avançar muito. Um pouco de treinamento nisto basta para entender, por exemplo, a questão sobre “ser salvo pela graça ou pela graça e pelas obras”. Isso é a mesma coisa que perguntar: O elefante é um bicho que tem tromba ou a tromba é um órgão que está na frente do elefante? É a mesma coisa desse tipo (que posso demonstrar mais tarde). Isso não é uma questão de teologia, mas de análise lógica da linguagem.

Eu acho que noventa por cento das controvérsias teológicas são deste tipo, e, no entanto, as pessoas matam e morrem por elas. Então eu não dou muita importância para isso [1:10]. Se você quer achar que é só pela graça, se é a graça e a obra, faça do jeito que quiser. Eu lhe asseguro que dará na mesma. As pessoas dizem que “as obras não contribuem para a salvação porque elas são o efeito da graça”, e eu digo: mas é óbvio que elas são o efeito da graça. Mas você precisa aceitar a graça; você não tem nenhuma liberdade de rejeitar a graça. Se você, raciocinando como protestante, não tem a liberdade de rejeitar a graça, por que existe a Igreja Católica, que, no seu entender, rejeitou a graça? Então você entra em contradições e

⁴ Ibidem.

absurdidades sem fim porque quer se ater a uma fórmula teológica, sem perceber sua ambigüidade. Quer dizer que a objeção “você não pode ser salvo pelas obras, porque as obras são o efeito da graça” é inteiramente correta. Quando um protestante diz isto, ele está montado na razão! As obras são efeito da graça: elas não vão produzir a graça. Está claro que é assim. E eu não vejo porque um católico não deva concordar com isso, já que ele tem a obrigação de concordar com tudo quanto é verdade; e isto é verdade! Qualquer bem que eu faça, não fui eu que fiz: foi a graça que me induziu a fazê-lo. Isso é óbvio. Mas isso não quer dizer que eu esteja salvo de antemão. Estou salvo de antemão no plano da onisciência divina, no qual não posso penetrar, mas para efeito da condução moral humana, devo raciocinar como se não estivesse salvo e como se as minhas obras fossem necessárias para a salvação, embora objetivamente não seja assim. Isso é uma confusão. Em tudo quanto é negócio de religião, existem dois planos: (a) o da doutrina; e (b) o da técnica ou da moral, ou da prática, e as relações entre estes dois planos são tremendamente complicadas. Quando o sujeito assume algo que vale no domínio da prática e transforma numa afirmação doutrinal, ele erra; e ele também erra quando faz o contrário!

Do ponto de vista doutrinal, é estritamente correto dizer que Deus já sabe quem vai ser salvo e quem vai ser danado — do ponto de vista doutrinal. Mas, na prática, não posso agir assim, porque eu não sei quem vai ser salvo e quem vai ser danado. Quer dizer, esta discussão é toda ela uma confusão entre estes dois planos. Por exemplo, às vezes as pessoas mencionam o que chamam de “doutrina budista”, e eu digo: não existe nenhuma doutrina budista, é zero de doutrina! Tudo no Budismo é técnica espiritual. Cem por cento. Não tem uma só afirmação ontológica, apenas afirmações de tipo pedagógico: para você fazer assim ou assado. E, então, você pode, se for muito inteligente, deduzir uma doutrina. Mas, neste caso, é você que está deduzindo, não o Buda. Esta confusão entre a doutrina e a técnica produz inumeráveis discussões inúteis; e nessas discussões não entro, não entrei e não pretendo entrar, mesmo que venham me cobrar. E sugiro que vocês não entrem também. Se quiserem entrar nesta discussão, estude trinta anos e depois dê um palpite a respeito.

Essa dupla exigência – a submissão integral ao Estado e a abstinência deste em matéria religiosa – forma o perfil claro do “Estado laico” moderno, onde necessariamente o argumento religioso perde toda força contra a racionalidade “neutra” da vontade estatal e acaba sendo banido do cenário político, quando não de toda a vida pública.

O processo culmina no “politicamente correto”, onde qualquer desejo sexual, por mais vulgar e tolo, se cobre da proteção legal de um tremendo aparato repressivo e se coroa de um prestígio intocável, beatificante, superior aos mais altos valores morais da religião.

Isso está acontecendo agora. E não existiria se não fosse a concepção do Estado laico, e não existiria a concepção do Estado laico se não fosse Lutero. A Reforma protestante criou esta dicotomia: ou criamos o Estado laico, ou criamos o Estado que é ele mesmo religioso (que é a teocracia, com Calvino). Logo, ou você vai rumo a uma democracia que vai se deteriorar, necessariamente, e exaltar o poder do Estado sob pretextos democráticos, ou cria uma ditadura teocrática. Não tem outro jeito. Isto foi consequência histórica real da Reforma. Não digo que fossem as pretensões deles; acabo de dizer: eles não tinham as menores condições de calcular os resultados de suas ações: defendiam as coisas porque acreditavam que aquilo estava na Bíblia.

Além disso, como você faz para aplicar uma sentença da Bíblia a uma situação humana concreta? Esta é uma das coisas mais difíceis de fazer. Todas as situações dramáticas humanas possíveis e imagináveis que aparecem na literatura estão prefiguradas na Bíblia — em *The*

Great Code Northrop Frye mostra isso. Se todas estão lá, qualquer uma que você presencie ou encontre na literatura estará prefigurada na Bíblia. Se é assim, nunca haverá um meio de saber a qual modelo bíblico tal situação corresponde no tempo, porque haverá inúmeras outras situações em outros tempos que também correspondem.

Uma peste que existe na cultura americana é esta mania de querer dizer em qual capítulo do Apocalipse estamos, dizer que está acontecendo conforme previsto etc. Sim, está previsto lá, mas muitas outras coisas anteriores, muito diferentes desta, também estavam. E você só pode saber em que etapa estamos do Apocalipse se tiver uma idéia de quando é o fim do mundo. Você tem de saber onde termina a história para saber em que capítulo você está. Jesus Cristo disse que não sabia quando era o fim do mundo. Perguntaram, ele respondeu: “Só Deus Pai sabe”. Isso é interpretação minha — não é teologia; estou apenas interpretando o texto. Se Jesus não sabe, ele que é o Logos divino, a inteligência divina, a razão divina, significa que isso não é uma decisão da razão divina, ou seja, não é uma consequência lógica das premissas da razão divina, mas uma decisão livre da vontade divina, da onipotência divina, que é Deus Pai. Quer dizer que Deus encerrará este mundo quando Ele quiser, e isso é a prova da liberdade divina. Deus está comprometido com a sua palavra eternamente, e justamente por esta razão Ele não diz quando é o fim do mundo. Ora, se Ele não disse, não está comprometido a fazê-lo hoje, nem amanhã nem em uma data determinada: Ele fará quando quiser. Será que estou errado em interpretar assim? Este é o sentido óbvio da frase. Nem sei se isto corresponde à doutrina católica, mas a frase só pode ser interpretada desta maneira.

Se você vê sinais do Apocalipse na atualidade, significa que você sabe quando é o apocalipse. Se confessasse que não sabe, teria de dizer: “Isto aqui parece com o que está previsto no Apocalipse, mas pode não ser; pode ser uma coisa totalmente diferente”. E pode ser, digamos, uma das muitas antecipações do apocalipse que acontecem ao longo da história. No século X, todos acreditavam, piamente, que o fim do mundo seria no dia seguinte. Tem muitos livros sobre os horrores do século X e, no entanto, nada aconteceu. As primeiras gerações de cristãos acreditavam que Jesus Cristo ia voltar no dia seguinte. O próprio Paulo disse: “Não sei”. Ele foi o primeiro a ter a sensatez de dizer “Não sei! E se eu não sei, você também não sabe”, porque o próprio Cristo disse que também não sabe. A indústria de profecias apocalípticas aqui nos Estados Unidos é de uma grandeza extraordinária, e rende bilhões todo ano para pessoas que estão, no fundo, anunciando que sabem quando é o fim do mundo! Tem outro que disse saber quando é o fim do mundo: René Guénon. Guénon disse que o fim do mundo será em 2032, e depois do fim do mundo o Islam se expandirá formidavelmente. É lindo.

Se você quiser seguir somente a Bíblia e decide não aceitar as tradições humanas — *Sola Scriptura* [1:20] é uma tradição humana, proclamada no século XVI, antes não existia, e é uma tradição que segue até hoje —, siga! Entretanto, em primeiro lugar, aprenda a ler em língua portuguesa — se é que você lê em português. Mas, se não sabe ler em língua portuguesa, vai dizer que está lendo em grego, em hebraico, em aramaico? Ora, se você tem 20 ou 30 anos e fala português desde que nasceu até agora, nunca saberá hebraico e aramaico tão bem quanto sabe português. E se não sabe português nenhum, muito menos saberá outros idiomas. Há pessoas que são incapazes de entender o sentido explícito de um texto! Ouvem o pastor gritar histericamente estas coisas e saem repetindo porque, no fundo, têm medo de ir para o inferno, e se defendem disso mediante a proclamação histórica de que estão salvos e que “só Jesus salva!”, “Louvor e glória ao Senhor!”: isto é histeria, não é religião!

Você reconhece a religiosidade de alguém na sua atitude perante os fatos concretos da vida. Por exemplo, interpretando de maneira grosseira e maliciosa as palavras de um professor ao qual você mesmo reconhece que deve tanto, você estará cometendo um dos cinco pecados que

bradam aos céus: a ingratidão. E não percebe! Seu discernimento moral não chega, não basta para isso? Se você leu tal e qual coisa, primeiro: tem a obrigação de dar a interpretação mais benevolente possível, porque se você mesmo reconhece que aprendeu isto e mais aquilo com aquela pessoa, então antes de desconfiar ou insinuar alguma coisa, permita-se dar uma interpretação benevolente e então não pecará de forma alguma. Mas, se na primeira já sai dizendo “Olha aqui! Contradição! Desonestidade!”, é óbvio que você está querendo se limpar na minha pessoa e, pior, estará utilizando a Bíblia como papel higiênico para limpar a sua própria sujeira! Aliás, não só limpar a sua própria sujeira, como limpar a sujeira destes cinco séculos de difamação. Não há religião nenhuma nisso: há apenas uma histeria.

Não se trata de discutir a teologia evangélica ou protestante, mas estas atitudes. A teologia é séria, deve ser discutida seriamente e confesso: não tenho qualificação para isto e não pretendo ter nos próximos anos. Não pretendo entrar profundamente nestas questões — de vez em quando posso dar um palpite aqui ou ali, como todo mundo. Vocês não têm nenhuma opinião em matéria de religião? E o quanto estudaram? Não estudaram nada. Ouviram um pastor dizer meia dúzia de besteira e já saem repetindo. E eu, com tudo o que estudei — se quiser, posso mostrar: tenho as obras de Lutero, de Calvino, de Melanchthon, e tenho toda a teologia católica: São Tomás, São Bernardo, tenho tudo, está tudo aqui e tudo isto eu li —, e mesmo com tudo isso, acho melhor não me meter, porque isso é de altíssima responsabilidade, além de ser diferente do tipo de responsabilidade que treinei e cultivei. Quando o teólogo diz algo, ele está dizendo o que é o conteúdo da fé, portanto o que você tem a obrigação de acreditar. Eu não posso fazer isso. Você não tem a obrigação de acreditar no que estou dizendo, de acreditar no sentido religioso, incorporar isto na sua fé. Não. Você tem a obrigação de acreditar no sentido estritamente humano e lógico da coisa. Não é para incorporar na sua fé, mas para incorporar nos seus hábitos intelectuais — que são coisas completamente diferentes.

Julgando pelos frutos conhecereis: a Reforma foi, sem dúvida, uma catástrofe para todos: gerou o Estado laico; a ascensão do marxismo; a onda de ateísmo; o Iluminismo. Então, não adiantam afirmações como a de que Lutero é contra os humanistas etc. Claro, ele era contra, mas não ele percebia que os estava ajudando. Ele não tinha o discernimento político para isto. Se liberarmos a interpretação da Bíblia, se eliminarmos a autoridade mediadora e dissermos “agora cada um interpreta como quiser”, estaremos fomentando o estudo humanístico e a atitude humanística: cada um estuda e emite a opinião que quiser. Você é contra os humanistas, mas os ajuda, assim como, no Brasil, as igrejas são contra o comunismo, mas ajudam o PT a chegar ao poder. Isto quer dizer que ter a fé certa — no sentido do formulário da crença, subscrever os artigos de fé que são certos —, não implica, necessariamente, estar certo na realidade: você estará certo só no plano verbal. As atitudes reais perante as situações efetivas da vida é que vão mostrar qual é a interpretação que você está dando aos seus dogmas de fé e é nessa que você realmente acredita. A fórmula verbal é a mesma. Duas pessoas que pensam e agem de maneira cem por cento opostas podem se basear nos mesmos versículos da Bíblia e nos mesmos artigos de fé, porque na prática os entendem de forma diferente.

É o que dizia Aristóteles: a verdade está no juízo, e não na proposição. Proposição é apenas uma frase; juízo é o que você pensa quando a lê ou diz. Quando vemos este pessoal proclamando dogmas da fé e também as atitudes que eles tomam, entendemos qual é a verdadeira interpretação que estão dando, e estas interpretações, no fundo, não revelam fé cristã nenhuma: revelam apenas uma histeria, um temor do inferno tão grande que o sujeito tem de proclamar que está salvo, pois não aguenta pensar na possibilidade de estar danado; ele tem terror disso! E se ele tem terror disso, significa que está vendo Deus como um

monstro que quer matá-lo, e por isso precisa puxar Seu saco todos os dias — “Louvor e glória ao Senhor! Louvor e glória ao Senhor” —, porque senão Deus destruíra a vida dele: esta é a psicologia de Lutero.

Lutero proclama o contrário do que crê. Ele crê que, muito provavelmente, está ferrado e irá para o inferno. Ele tem terror pânico disso, e por isso proclama: “Estou salvo. Estou salvo. Estou salvo”. É uma espécie de Seicho-No-Ie: “Todo dia, sob todos os aspectos, estou cada vez melhor”! E segue só se ferrando: o saldo bancário em vermelho, a mulher o largou, está com AIDS, está com hemorróidas, o vizinho bateu nele, o carro quebrou; mas todos os dias, sob todos os aspectos, ele está cada vez melhor. É uma proclamação histérica, uma defesa histérica contra o temor da realidade da vida. E por que tantas pessoas se apegam a isto? Porque são fracas, fracas demais para encarar a fraqueza humana.

Aluno: O senhor poderia passar suas fontes sobre a banca católica julgadora de filmes de Hollywood?

Olavo: Procure no site do Ted Baehr. São inúmeras referências, mas eu acho que esta é uma das fontes onde você pode encontrar, mas isso que eu falei sobre Hollywood é um fato sabido e notório, e nunca ninguém jamais contestou. Existe também o site da USCCB.⁵ Procura lá que você também vai achar. Mas eu posso achar uma fonte melhor depois.

Aluno: É possível considerar que o protestantismo reuniu muitas das diversas heresias do século anterior?

Olavo: Não sei e não me meto nisso. A não ser que eu faça um estudo especializado.

Aluno: Está chegando 13 de setembro, que é o 20 de elul [1:30] no calendário hebraico, vigésimo nono dia de lua, 17 de setembro de 2001, quando ocorreu a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque e 29 de setembro de 2008, quando ocorreu a crise financeira. 13 de setembro de 2015 marca o fim da Shemitá e, de acordo com Jonathan Cahn, nesta data ocorrerá o colapso financeiro americano.

Olavo: Pode ser. Porém, acontece que essa correspondência entre fatos da atualidade e profecias da Bíblia nunca lhe assegura se o que está acontecendo é literalmente o que está previsto ou se é apenas um acontecimento *análogo*. Porque, ao longo dos tempos, muitos fatos reproduzem analogicamente profecias bíblicas pelo simples fato de que todas as situações humanas estão prefiguradas na Bíblia. Se estão prefiguradas todas as situações, então sempre haverá alguma correspondência, e você nunca saberá se isso corresponde na ordem cronológica ou apenas no plano analógico. Não dá para saber isso. Para saber isso, para ter a certeza da correspondência *cronológica*, você precisaria saber em que capítulo exato do Apocalipse nós estamos. Mas não dá para saber o capítulo exato sem saber o fim da história. Portanto, para saber em que ponto do desenrolar apocalíptico das coisas nós estamos, você precisa saber a data do fim do mundo, que nem Jesus Cristo sabe. Então a coisa é absurda em si mesma. Jonathan Cahn é o mais sério dos autores que fazem esse tipo de especulações, e ele sempre deixa uma margem de incerteza — ele não é um idiota. E essa margem de incerteza vem do fato de que nunca podemos estar seguros de que há uma correspondência exata, biunívoca, ou apenas uma situação analógica.

⁵ United States Conference of Catholic Bishops – <http://www.usccb.org>.

Se todas as situações dramáticas e humanas estão prefiguradas na Bíblia, então sempre haverá uma correspondência, mas essa correspondência não é cronológica, ela é analógica apenas. Ou seja, essa situação é análoga àquela que está lá na Bíblia. As situações da nossa vida são assim: nada acontece para nós que não tenha um precedente bíblico, nem pode acontecer. A própria Bíblia é a palavra de Deus, e a palavra de Deus é isso aí. Quem escreveu um livro que prefigurasse tudo o que acontece para os seres humanos? Só Deus.

Aluno: O senhor pode me recomendar um bom livro de história da educação? Conheço o livro de Ruy Afonso da Costa Nunes.

Olavo: É o melhor que existe. Eu já li muitos outros, mas não vejo nada que se compare a isto. Tem o livro de Henry-Irénée Marrou, *História da Educação na Antiguidade*, que é tão bom quanto. Só que Ruy Afonso escreveu os demais volumes para completar Marrou, porque Marrou morreu, e ficou na Antiguidade. Junta esses dois, e você tem o melhor que existe.

Aluno: Penso que o que ocorreu essa semana foi uma falta de caridade e gratidão. (...)

Olavo: Isso é óbvio. Eu não estou exigindo gratidão de ninguém, mas é bom que vocês não pequem com a obrigação da gratidão porque isso é ruim para vocês. Quer dizer, o nego está dizendo “estou salvo, estou salvo, estou salvo”, na mesma hora está lá cometendo um dos cinco pecados que bradam aos céus. Mas ele não vai ser condenado por isso porque ele já está salvo de antemão. Agora, se ele já está salvo de antemão, então a frase de Cristo “tive sede, e me deste de beber” não significa mais nada, porque se não desse, estaria salvo do mesmo jeito. Foi isso que Cristo quis dizer? “Tive sede, e não me deste de beber”, mas já estava salvo antecipadamente, então nada posso fazer quanto a falta de água. É isso? Veja que situação absurda. Cristo está agradecendo uma boa ação que o sujeito fez. Se a boa ação não significasse nada, Cristo não a consagraria. Claro que agora a boa obra por si não pode salvar, é evidente que ela não pode. E também é evidente que a boa obra é ela mesma um efeito da graça.

Isso não significa que, do ponto de vista da cronologia humana, você já estava salvo antes no sentido temporal, porque a Onisciência divina não é temporal, ela é eterna, é a coexistência simultânea de todos os fatos. Neste plano você pode estar condenado ou salvo antecipadamente, mas o antecipadamente não tem sentido cronológico, ô imbecil! Dá para entender? Aquilo que é eterno não diz respeito à ordem dos tempos. A ordem dos tempos, como dizia Santo Agostinho, é uma imagem móvel da eternidade. E aquilo que aparece na eternidade, não aparece da mesma maneira na sua imagem imóvel. É o velho paradoxo já constatado por Aristóteles, que a ordem do ser aparece na seqüência cronológica de maneira às vezes até invertida. Quer dizer que aquilo que é o primeiro na ordem do ser às vezes é o último na ordem do acontecer. Aliás, é só ler o Apocalipse, você entende isso. Quer dizer, por que a chave dos tempos só aparece no fim, e não num momento cronológico identificável? Essa confusão entre o plano da eternidade e o plano da temporalidade, e portanto entre o plano puramente doutrinal ou ontológico e o plano moral, isso é a base do argumento de Lutero. É uma confusão filosófica. Lutero odiava a filosofia. Ele é antifilosófico na base, ele tem horror. Então se compreende que ele não tivesse discernimento filosófico suficiente para entender uma coisa tão simples quanto a relação entre eternidade e tempo.

Aluno: Ouvindo uma entrevista no rádio feita com Roger Scruton, fiquei suspeito com a sua afirmação de que era cético acerca do milagre da Ressureição de Cristo.

Olavo: O sujeito às vezes é cético porque simplesmente ele não pensou suficientemente no assunto. Quando eu disse o negócio da Virgem Maria, a Virgem Maria é o maior dos seres terrestres, eu não usei a expressão dos nascidos de mulher justamente por ter em conta aquele versículo. Se eu disser assim, vai causar confusão, então falei “o maior dos seres terrestres”. E disse que quem não entende isso é tapado ou nunca pensou no assunto. Tem gente que não é tapado, não entende isso porque simplesmente nunca pensou. Quem disse para vocês que Roger Scruton passou anos meditando essa questão? Eu não vejo isso em parte alguma das obras dele. Ele pensou sobre mil e uma questões, essa aqui ele simplesmente disse uma frase numa entrevista.

Primeiro, essa frase não pode ser entendida como uma tese filosófica dele. Você tem de entender o que é a diferença entre uma tese filosófica formal e o que é a expressão imediata de uma impressão. Essa dúvida sobre a Ressurreição de Cristo não se incorpora na filosofia de Roger Scruton. Se incorporaria, se ele fizesse uma exposição formal negando a Ressurreição de Cristo. Ele simplesmente ter uma dúvida? Você não sabe que a fé inclui um coeficiente de dúvida? A fé é a certeza das coisas ainda não vistas. Se elas ainda não foram vistas, ela não é uma certeza intelectual — isso é importante. A fé, como dizia Pascal, é uma aposta. É uma aposta baseada na confiança. Você não tem a prova daquilo, mas você tem a confiança na pessoa que disse, que é Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus, Ele curou o leproso, Ele fez o paralítico — então eu acredito nele. Esse é o sentido de “a fé é uma confiança”, portanto não é uma certeza intelectual. Certeza intelectual é aquela que é acompanhada ou da sua auto-evidência ou de uma prova. E no caso de muitos artigos de fé, você não tem isso. Agora, quanto à questão da ressurreição, você tem uma certeza histórica suficiente e razoável, que são os testemunhos daqueles que encontraram com Jesus Cristo depois da ressurreição. Você não tem nada que possa alegar contra essas pessoas; não podemos dizer que eram pessoas suspeitas, ou que um era bêbado, ou que o outro era drogado, ou que o outro era um cafetão. Não foi nada disso, eram pessoas santas. Por aparecer tantas pessoas santas dizendo que O viram, das duas uma: ou deu uma onda de alucinação coletiva (e você teria de provar como foi possível essa alucinação coletiva) ou você vai ter de dizer que, no mínimo, o argumento razoável pesa em favor desse depoimento.

Existem pessoas que são inteligentes, mas não são consistentes. Por exemplo, eu escrevi muito a respeito de Otto Maria Carpeaux. Naquela época, talvez foi um dos homens mais inteligentes que existia no Brasil, mais inteligente, mais culto, mas ele nunca foi uma pessoa consistente como caráter. Não tem aquela solidez de caráter: quem está do lado da verdade fica ali até morrer. Ele vai, vem, fica incerto, volta atrás não por uma dúvida razoável, mas [1:40] por conveniência. Esconde a sua fé, rezava escondido porque tinha vergonha dela. Se você esconde Jesus Cristo, Ele vai escondê-lo no Juízo Final. Ele mesmo disse que vai fazer isso. Agora, quando você diz que quer confessar a sua fé, você tem de confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Ele é o Logos e Ele que nos salva. É isso o que você tem de fazer, sempre. Não voltar atrás.

Se você esconde isso, é porque você tem mais do que incerteza natural da fé, você tem uma dúvida ativa — isso é outra coisa. Ou seja, você tem um princípio de negação. Isso não quer dizer que todo mundo que sai dizendo “louvor e glória a Nosso Senhor Jesus Cristo” ou “estou salvo” esteja fazendo por fé. Não! São Paulo Apóstolo disse: “Há muitos que proclamam o senhor por espírito de porfia (espírito de briga)”. E todos esses que são mais eloquentes na difamação da Igreja Católica do que eloquentes na prática das virtudes cristãs, todos esses louvam o Senhor por espírito de porfia. São Paulo Apóstolo diz. “Tudo bem, você quer louvar por espírito de porfia? Ótimo, acaba louvando do mesmo jeito”. Você pode ser hipócrita total, mas para mim é bom que você louve o Senhor. Eu não vou sair brigando com você por causa

disso. Mas se você o proclama por espírito de porfia, por ódio a alguém, você não é cristão no sentido que São Paulo era. São Paulo proclamava o Senhor não para ferrar com os outros, mas o proclama mesmo quando isso ferrava com a vida dele.

Aluno: No livro O Diabo, Lutero e o Protestantismo, de padre Julio Maria, está tudo bem explicadinho a respeito das indulgências e do temperamento de Lutero. O livro pode ser encontrado na internet no site alexandriacatolica.blogspot.com

Olavo: Eu acho que deve ler esse livro. A Igreja Católica às vezes reage, mas é através de livros que ninguém lê, através de estudos acadêmicos. Por exemplo, esse congresso sobre a Inquisição, que foi o maior congresso que existiu sobre o assunto em toda a História da historiografia, quem leu isso? Nunca foi traduzido. Está em italiano apenas, só tem a edição italiana que custa os olhos da cara, ninguém tem acesso. Aqui na América, acho que existem dois leitores apenas, eu e mais um, e no Brasil só tem um porque eu dei um exemplar para um sujeito.

Aluno: Obrigado por mais uma aula magnífica. Hoje a aula lembrou o Olavo do saudoso True OuSpeak. O senhor poderia liberá-la a todo público.

Olavo: Talvez eu faça isso, não sei ainda. Estou reclamando de algumas pessoas, dando os seus nomes, e minha intenção é apenas fazer uma limpa no curso. Não quero desmoralizar essas pessoas perante o público em geral.

Aluno: [...] Quero enviar meu necrológio para o professor, como faço?

Olavo: Você pode enviar para mim, mas você não é obrigado a fazer isso. O necrológio não é para mim, é para o seu controle, para que você, daqui a alguns anos, volte a lê-lo e ver se a sua perspectiva de vida não mudou, não se aprimorou, não se tornou mais crítica, mais autoconsciente. É para o seu uso, não para o meu uso. Eu não quero saber o que você quer ser quando crescer, é você que tem de saber.

Aluno: O senhor poderia falar mais sobre a diferença entre a doutrina e a prática no que se refere à busca da santidade?

Olavo: Eu não sou um professor de santidade, então... Eu odeio entrar nesses assuntos porque, se eu não me sinto muito à vontade em tocar em questões teológicas, não é porque eu não tenha lido teologia, li muito mais do que esses caras que estão falando; é porque eu não gosto de sair pregando o que eu mesmo não sou capaz de fazer. Eu só ensino até o ponto que eu sou capaz de fazer. Eu acho, por exemplo, que essa questão da honestidade intelectual, eu acho que tenho sido muito fiel a isso, na medida das minhas possibilidades. Honestidade intelectual não implica a infalibilidade, é óbvio que não. Se eu fosse infalível, não precisaria nem ser honesto, a questão da honestidade está fora.

Você não pode dizer que Deus é honesto, o qualitativo honesto não se aplica a Deus. Honesto se aplica àquele que tem a possibilidade de mentir e não mente, mas Deus não tem essa possibilidade. Deus não é honesto, Deus é infalível. Essas pessoas que ficam buscando picuinha tipo “se você pode fumar cigarro, por que eu não posso fumar maconha?”, elas não sabem o que é honestidade intelectual e cobram de mim uma coisa que elas não têm a menor idéia do que é. A honestidade intelectual na vida é um esforço, ela não é uma coisa que se incorpora em você de uma vez para sempre. Eu tenho tendência de mentir quanto qualquer

um, eu só procuro não fazer isso. Por quê? Porque eu descobri outra coisa melhor para fazer. Mas isso não quer dizer que eu saiba fazer isso vinte e quatro horas por dia.

Quanto à busca da santidade, eu digo para vocês, eu nunca busquei a santidade na minha vida inteira. Eu comecei a pensar nisso depois de velho: preciso fazer algo para ficar um pouquinho menos filha da puta, um pouquinho menos, e implorar pela misericórdia de Deus vinte e quatro horas por dia. Isso é tudo o que sei fazer.

A diferença entre doutrina e prática não é uma questão, por assim dizer, teológica, é uma questão de interpretação de texto. Você precisa ver que, quando você lê um texto, você precisa fazer a seguinte pergunta: este texto está dizendo o que as coisas são ou está dizendo o que eu devo fazer? Isso é coisa fundamental. Existem frases que parecem dizer o que as coisas são, mas estão apenas dizendo algo que você deveria acreditar para que as suas ações sejam assim ou assado. A idéia do “estou salvo” é evidentemente uma noção de prática e não de teoria. Ela não está dizendo que você está salvo de fato, está dizendo (e isso é o que Lutero quis dizer) que se você acreditar que está salvo e, por causa disso, a graça infunde o poder das boas ações, o que vai acontecer? Você cometer as boas ações. Porém, como isso são práticas, isso pode ter o efeito contrário: estou salvo, portanto quem me desmente está condenado — que é o que esses caras fazem. Eles não entendem o sentido da frase que eles mesmos estão dizendo.

Veja, a predestinação só pode ser conhecida na esfera da Onisciência divina. Deus sabe quem está salvo e quem não está, isso é óbvio. Porém, Ele criou a estrutura dessa vida de maneira que ela tivesse uma estrutura dramática, ou seja, que nela houvesse a incerteza e a escolha. Quem pode negar que você tem de tomar decisões? Quem pode negar que você pode tomar decisões erradas? Quem pode negar que você está sujeito à tentação e pode cometer pecados? Ninguém pode negar isso aí. Isso quer dizer que, no plano da Onisciência divina, as coisas são de um jeito e, no plano do desenrolar temporal terrestre, elas são de outro jeito que não desmente a Onisciência, mas só vai coincidir plenamente com ela no final. Daí você saberá tudo. Mas você agir no dia a dia com base numa presunção de conhecimento da Onisciência divina pode levá-lo a fazer o bem para provar que a graça está passando através de você. Pode ser uma maneira, é uma técnica. Como pode técnica, pode ajudar ou atrapalhar. Mas eu estou vendo que na maior parte dos casos está atrapalhando.

Eu não posso dizer que essa recomendação de Lutero esteja cem por cento errada, porque em alguns casos ela pode funcionar. O indivíduo deixa de se preocupar com a sua salvação e se preocupa com o bem só para agradar a Deus, pois Deus já o salvou. É uma gratidão, e você vai fazer o bem. Pode funcionar. Mas toda técnica que serve para uma coisa, serve para estragar essa coisa também.

Por exemplo, você quer uma técnica melhor do que a confissão sacramental católica? Ela é uma maravilha. Só que se a confissão é sacramental, ela não é a confissão [1:50] substancial. A confissão substancial é feita em segredo, na sua consciência, daí você vai ao confessor e sacramenta isso. Uma coisa não substitui a outra. O sujeito, confiado na confissão sacramental, pode achar que aquilo é tudo. Ora, a confissão sacramental, segundo a instrução da Igreja, é sumária: você dá o nome dos pecados. Você não precisa dizer que tal dia pulou a janela do fulano de tal, encontrei a mulher dele, baixei a calcinha, fiz assim, assim e assado. Não precisa fazer isso, e não deve fazer isso, porque se você entrar em detalhes do pecado, você estará tentando o padre e também pode estar cometendo o pecado de se comprazer no seu arrependimento da mesma forma que um dia se agradou no pecado. Tudo isto é uma coisa muito difícil, e não tem prática mecânica que resolva isso. Tudo tem de ser feito com sutileza, com compreensão. Cada confissão é um desafio.

Eu já contei para vocês o que aconteceu na minha primeira confissão, não contei? O padre perguntou: “Você fez porcarias?”, e eu não sabia que raio de coisa ele estava falando. Eu confessei, eu fiz porcarias. Eu não podia tê-las feito porque eu não sabia o que era, então eu fiz uma confissão falsa. Eu não sabia que era falsa, pensei que estava agradando. Essa primeira experiência já me mostrou como é difícil e problemática a confissão. Nunca mais confiei no automatismo da coisa. É isso que estou falando: toda técnica religiosa pode ter um efeito bom ou mau. Nenhuma delas funciona.

Aluno: Em poucos anos, o COF influenciou direta ou indiretamente uma elite intelectual pensante no país, que por sua vez influencia, através de livros, blogs, sites, milhares de indivíduos que buscam o conhecimento. Temos, por exemplo, Flávio Morgenstern, Nadalim, Falcón, Alexandre Borges, Graça Salgueiro, Rádio Vox, Flávio Quintela...

Olavo: Tem um monte de gente! Essa é uma geração absolutamente brilhante. Eu disse, eu sei despertar os talentos. Isso eu sei fazer e vou fazer. Tem outras coisas que não sei. O sujeito quer a santidade, não é comigo. Posso indicar quem sabe. Isso não quer dizer também que eu ignore tudo a respeito, mas não estou qualificado para guiá-los à santidade. Isso não quer dizer também que eu não possa dar nenhum palpite a respeito. Se eu der um palpitezinho depois — não mate a sua mãe, porque isso é contra a santidade —, vai aparecer uma Daniela Salum: “Está vendo, ele diz que não está qualificado para falar, mas está falando”. É assim! Estamos falando com jumento, é uma coisa horrível isso aí. O país está cheio de jumentos, mas eu não esperava que existissem tantos dentro do meu curso. Não são tantos, na verdade, é menos de cinco por cento — para mim, tinha de ser zero.

Quando eu era moleque, acho que tinha 3 anos de idade, eu disse para a minha mãe que eu tinha vindo de outro planeta onde só tinha gente bonita (não sei de onde tirei essa história). O planeta chamava-se Julocalia. Mais tarde eu soube que esse sufixo *-calia* quer dizer beleza. Não sei de onde tirei essa coisa, mas inventei isso. Hoje em dia às vezes eu vivo na ilusão de que vim de outro planeta onde só tem gente inteligente. Falhou na primeira vez e falhou na segunda. A minha ilusão não impediu que existissem mocréias, nem jumentos. Aliás, acho que foi Chesterton quem disse que pessoas inteligentes tende a achar que todo mundo é inteligente e quem é burro tende a achar que todo mundo é burro. Então o sujeito que vem falar comigo acha que sou capaz de cometer erros tão pueris quanto os dele, e qualquer coisa que dê a aparência disso, ele diz: “Está vendo?”.

Aluno: É possível fazer uma analogia entre Razão de Estado no mundo moderno e os antigos impérios cosmológicos descritos por Eric Voegelin, na qual toda a verdade identificada com a verdade dos cosmos...

Olavo: Não, porque a idéia essencial da Razão de Estado é o controle burocrático policial, para a qual, nos impérios antigos, não havia sequer os instrumentos. Você veja que, por exemplo, foi no tempo de Luís XIV que começaram a fazer as primeiras estatísticas. Como você vai controlar a economia sem estatística? Não é que os caras não controlavam tudo porque não queriam, eles não controlavam porque não podiam.

Outra coisa, não é possível o controle sem um aparato policial e judicial suficiente, para o qual você precisa formar as pessoas. Sem ter escolas que vão dar para as pessoas treinamento profissional, não é possível o controle. Isso também começa no século XVI junto com a Reforma etc. Se você pegar o império cosmológico mais tirânico que já existiu, que foi o asteca, o imperador asteca não tinha capacidade de controle da população como veio a existir depois.

Era um controle, por assim dizer, meio randômico, meio estatístico: x% vai obedecer. Se alguém não obedecesse, o imperador nem ficava sabendo. Não havia agentes. Por exemplo, em Cuba existe um agente da polícia secreta para cada vinte oito habitantes. Isso é o máximo que você pode conceber, é o máximo de estado policial que já aconteceu no mundo. Mas um para vinte oito não é tanto, porque ele está fiscalizando um e tem vinte sete que poder o estar enganando. Mas com o avanço da tecnologia, o controle pode ser tornar cada vez mais total, sem necessidade de tantos funcionários. Então o problema da educação dos funcionários da polícia se transfere para a educação dos funcionários da tecnologia, e vai simplificando o processo e tornando mais acessível ao Estado a idéia do controle absoluto. Essa idéia está profundamente arraigada no projeto da Nova Ordem Mundial. A Nova Ordem Mundial será uma imensa Genebra de Calvino, onde o chefe religioso representa a vontade divina, a onisciência. E ele de fato é onisciente, ele está sabendo tudo.

Aluno: Existe alguma vacina contra essas mentiras protestantes?

Olavo: Não existe nenhuma vacina contra mentira, exceto buscar a verdade e implorar diariamente a Nosso Senhor Jesus Cristo: envie o Espírito Santo para me guiar porque eu não sei direito o que estou fazendo, mas Você sabe; então me faça fazer o certo, mesmo que eu não perceba. É só isso, não tem outro jeito. Agora, se você vai lá na sua igreja, o pastor diz tal coisa, e você acha que, repetindo aquilo e proclamando o tempo todo “louvor e glória a Nosso Senhor Jesus Cristo”, você estará salvo por causa disso, você, na verdade, estará amortecendo a sua consciência moral. Isso é uma espécie de cocaína espiritual. É aquela frase de Pascal: “Eu não aprecio nem os que riem, nem os que choram, eu só aprecio aqueles que buscam entre gemidos”. Quer dizer, você tem de sofrer pela busca da verdade, e não fazer o outro sofrer com a proclamação de uma verdade absoluta contra a qual teoricamente ele está. Isso aí é pose. Isso aí é duas coisas: (1) um desejo de se impor ao outro com uma demonstração de superioridade que você não tem; (2) é uma autodefesa histérica contra o temor do inferno que você tem como todo mundo. Estuda a biografia de Lutero que você vai ver que o problema dele era esse. Ele proclamava dogmas nos quais ele não acreditava, porque ele continuava com o mesmo temor do inferno: “Estou salvo. Será que vou para o inferno? Estou salvo. Será que vou para o inferno?...” Era assim o tempo todo. Em vez de dizer “estou salvo”, deveria perguntar “será que vou para o inferno?”. Só está parte é verdadeira, a outra não. Deus sabe se estou salvo ou danado, mas eu não sei. Então, no plano da moral, não posso proclamar que estou salvo jamais, mesmo sabendo que Deus sabe.

Aluno: Sobre a divinização do Estado — pensando bem —, não estaria acontecendo a satanização do Estado?

Olavo: Em termos retóricos, sim. Muitos satanizam o Estado. O Murray N. Rothbar dizia que até as ruas, a polícia e o exército deveriam ser privatizados. Sim, existe essa satanização do Estado, mas ela não tem eficácia política. [2:00] Isso só existe como blá-blá-blá, não existe como força política real; ninguém vai fazer isso. Por exemplo, qual foi o presidente mais *conservative* que já teve os EUA? Não foi o Ronald Reagan? Ele aumentou o poder do Estado, aumentou a despesa estatal. Porque uma coisa é o modelo de sociedade pensado para o perfeito funcionamento da economia; outra coisa é a situação de uma nação no plano das relações internacionais. Desejar a privatização de tudo, baixar os impostos etc. quando tem a União Soviética querendo acabar comigo não tem como — então terei de aumentar a despesa do Estado para poder me defender.

Quando as pessoas começam a discutir o melhor modelo, estão falando em tese. É o mesmo problema que tem na dicotomia entre o plano da ontologia e o plano da prática e da moral.

Tomadas de posição doutrinárias não têm nada a ver com o que se faz na prática. Pode-se tomar uma posição doutrinária, mas fazer o contrário. A prática da vida exige isso. Existe um elemento de fingimento que é absolutamente necessário na guerra e na política: a camuflagem, você não deixar as pessoas saberem o que você vai fazer. A vida de Ronald Reagan é uma ilustração disso, ele nunca contou para ninguém o que ia fazer; quando prometia uma coisa, significava apenas que queria chegar lá, mas não que ele fosse fazer literalmente aquilo desde o começo. (Eu tinha um amigo chamado Otto que, quando queria bater em alguém, trancava-se em um quarto com o sujeito e batia nele até quase o matar. Daí, ele mesmo gritava, pedindo pelo amor de Deus que não batessem mais. É uma tática.)

Aluno: A agenda esquerdista não seria a juridicização do mal?

Olavo: Sem sombra de dúvida.

Aluna: A justiça, que é a busca do bem em Santo Tomás, em nosso tempo e sua figura do Estado Mundial, não estaria se tornando a universalização do mal, protegido como um bem jurídico?

Olavo: Sem a menor sombra de dúvida. É claro que isso tudo é um projeto satânico. Existe coisa mais satânica do que transferir para o Estado os preceitos morais válidos para o indivíduo humano? É claro que não, porque o titular de obrigações morais não pode ser o Estado, somente o indivíduo humano. A sociedade como um todo também não pode ser titular de obrigações, nem de direitos morais. Isso não existe. Obrigações e direitos existem dentro da sociedade, para os indivíduos que a acompanham, não para ela como um todo. Isso não faz o menor sentido.

Tudo isso que está sendo levantado aqui mostra a fragilidade cada vez maior do argumento religioso na sociedade moderna. Isso foi criado pela Reforma, pela supressão da autoridade mediadora: ou você fica na contraposição entre o Estado forte e os indivíduos fracos, com uma espécie de pulverização das opiniões, cujo fenômeno pode ser claramente observado na proliferação de Igrejas evangélicas (o sujeito tem uma pequena divergência e já funda outra e outra, e isso não acaba mais, tornando difícil e quase impossível a união das pessoas num *front* comum); ou seja, ou você tem a pulverização da opinião pública em face do poder unificante da razão do Estado, ou tem de criar uma razão de Estado que já incorpore o valor religioso, como fez Calvino. Ou tem a terceira chance, em que não podendo haver uma força religiosa mediadora oficialmente, surge uma não oficial: a Maçonaria.

Essa é uma das teses do meu livro *O Jardim das Aflições*. Os EUA são uma república maçônica — o que não quer dizer que sejam uma república anti-cristã, mas são uma república anti-católica, sem sombra de dúvida. Daí, vão dizer: "Ah, outro mito protestante!", "O protestantismo gera a prosperidade!". Não, as nações protestantes começaram a prosperar no século XIX, justamente no período em que a religião estava em declínio. Na Holanda, por exemplo, a religião reformada estava tão por baixo que, Abraham Kuyper, o grande líder filosófico e teológico da Igreja holandesa, teve de criar a Universidade Livre, porque nas universidades estatais não havia mais espaço para a religião. Então, ele cria essa grande idéia que, aliás, não era reconhecida pelo Estado ("Não é reconhecida e nós não queremos que reconheçam!"). A partir de então, e graças a Kuyper, surge um tremendo revigoramento da religião reformada calvinista na Holanda, que resulta no surgimento de pensadores de primeira grandeza, como Dooyeweerd e Vollenhoven, dentre outros.

Mas isso prova que a religião estava por baixo no período em que a economia começava a crescer. Até o século XVIII, dois séculos e meio depois da Reforma, a Alemanha era o país mais

miserável da Europa Ocidental, e o país próspero, rico e poderoso era a França católica. Portanto, o progresso econômico não tem nada a ver com a Reforma; o advento do capitalismo nada tem a ver com a Reforma. Sugiro a leitura do livro de Alejandro A. Chafuen, *Faith and Liberty: The Economic Thought of the Late Scholastics*, onde essa tese está mostrada com documentos. Três séculos antes de Adam Smith, monges católicos já haviam formulado todo o sistema capitalista; está tudo lá, liberdade de mercado etc.

Os sujeitos roubam uma invenção católica, afirmam que é deles e ainda dizem que a religião católica a reprimiu. E digo isso sem medo de ofender alguém. Se você se sente ofendido por isso, está sendo ofendido pela realidade. Séculos antes dos comunistas, os protestantes já haviam inventado o "xingue-os do que você é, acuse-os do que você faz". Os comunistas aprenderam com eles; mais com eles do que com os iluministas. Isso não é uma objeção teológica; não estou falando da sua teologia, estou falando das suas ações históricas e reais. Se disserem, "Ah, você tem uma bela teologia", eu digo: "Sim, se eu tivesse uma teologia tão bonita quanto a que você diz (e eu não sei, porque não a estudei a fundo); mas se ela é tão bonita, então por que você quer reforçá-la com tantas mentiras, com tantas lendas urbanas, com tanta difamação? Para que isso?".

Aluno: A reação dessas pessoas [os evangélicos] foi de camada quatro, do sentir?

Olavo: Claro. Camada quatro. O sujeito quer se sentir aprovado por um grupo social, que nesse caso é a turminha da Igreja. Uma pessoa que está reagindo emocionalmente. E pior, tem gente que tem essa reação: "Professor, o senhor é imaturo, porque o senhor está fomentando brigas. Eu pergunto: fomentando o quê? Eu falei um parágrafo em louvor à Nossa Senhora, começaram a me jogar pedra. E quando fui me explicar — alegando, sobretudo argumentos históricos —, vem a outra dizendo: "Está vendo, você diz que não pode discutir teologia, mas está discutindo". Isso é tudo camada quatro, evidentemente. Tem uma confusão emocional dos diabos. Só que é o seguinte, eu não quero gente de camada quatro aqui não; pelo menos tem de ter passado para a camada cinco, pelo amor de Deus! Depois de tantos anos de curso! Que é isto?

Aluno: Se Maria não tivesse sido concebida sem pecado, então Jesus teria nascido de uma pecadora, o que o tornaria pecador pelo pecado original.

Olavo: Sim, isso é óbvio, mas eu não quero entrar nisso agora. Veja, não estou dizendo isso como artigo de Fé, mas como uma interpretação direta do texto que li na Bíblia. Está dito lá que Ele pertence à linhagem de Davi. Portanto, o sangue dEle é o sangue que Ele recebeu de Maria, do óvulo de Maria. Vá dizer que Ele foi fecundado sem óvulo! Que é que o Espírito Santo fecundou, nada? Se não tivesse sido fecundado num óvulo humano, Ele não seria humano; portanto, não seria humano Divino, seria apenas Divino.

Aluno: Sou portador de transtorno bipolar e vivia me vitimizando. O senhor me deu dois tapas na cara e me ajudou a me levantar e a ser um homem.

Olavo: É esse o objetivo. Seja homem; você nasceu para ser homem. E se for para mulher, seja mulher, não uma menininha. Não venha com choradeira para cima de mim. O de que esse pessoal padece é uma horrível falta de inimigos. O dia que tiver um inimigo querendo te matar, você vai parar de encher o meu saco, parar de nhem-nhem-nhem.

Aluno: [2:10] Gostaria que o senhor explicasse novamente as relações da maçonaria com o protestantismo.

Olavo: Esse problema é cabeludíssimo. Aqui nos EUA as coisas são claramente assim. Os caras declaram que são maçons, aparecem na maçonaria. Então, não é preciso procurar a prova, porque eles mesmos estão se mostrando.

Nos depoimentos de pastores protestantes que romperam com a maçonaria, eles falam que eram inúmeros os pastores que estavam lá dentro. É uma coisa muito impressionante. Por exemplo, entre os fundadores dos EUA, quase todos eram maçons. Parece que só um não era, não me lembro qual. Eram maçons e protestantes. Isso quer dizer que não havia conflito entre maçonaria e protestantismo. Mas existe entre esses dois e a Igreja Católica. Ou seja, os dois se juntam para fazer uma campanha anti-católica monstruosa. O sujeito vai no estúdio e pede dinheiro ao produtor Judeu para fazer isso. Por que o produtor vai negar? "Quer fazer um filme assim, precisa do meu dinheiro? Faça! Não vai falar contra mim mesmo; vai falar contra um terceiro". Não há problema nisso. Agora, dizer que se trata de um empreendimento judaico, isso não, de jeito nenhum. O que não quer dizer que não existam autores judeus que colaboram com isso. É claro que existe, mas eu não sei de nenhuma lenda urbana dessas proporções que tenha sido inventada por judeus. Lutero, Calvino, Denis Diderot, Voltaire, nenhum deles era judeu. A história que Voltaire conta da Igreja, por exemplo, é só lenda urbana, o tempo todo; e ele não era judeu. Daí aparece no século XX um judeu que dá dinheiro para um sujeito fazer um filme anti-católico e vão dizer que é uma campanha judaica? Pelo amor de Deus! Isso já estava aí há séculos, antes mesmo que aparecesse Hollywood. Essas lendas urbanas, Hollywood não as inventou nenhuma, pegou tudo dessa mitologia que circulava.

Tem um sujeito que levantou a questão sobre Maria ter tido outros filhos, alegando o versículo que diz "Mestre, estão aí Sua mãe e Seus irmãos". Eu pergunto: Quem foi que disse essa frase, foi Jesus? Não, foi um Zé Mané que estava lá. E como é que Jesus responde? "Eu não tenho mãe nem irmãos; meus irmãos são aqueles que obedecem a Deus." Não foi isso o que Ele disse? Então, a primeira frase, que já está impugnada na resposta de Jesus, que autoridade histórica ela tem? Não se trata de uma frase de Jesus, mas a de um Zé Mané. Quer isso dizer então que todas as frases existentes na Bíblia têm um valor dogmático igual? Que as frases de Pôncio Pilatos e do Faraó têm o mesmo valor das frases de Jesus Cristo? O que o Zé Mané falou é prova de que a Virgem Maria teve outros filhos, só porque disse "Sua mãe e Seus irmãos"? Jesus Cristo mostra que isso não queria dizer nada, e que o sujeito não sabia de quê estava falando.

A pessoa alega uma frase dessas, como se tivesse autoridade bíblica... Para entender a frase, não basta saber ler a frase, é preciso saber quem disse. É o famoso ditado latino, *duo si idem dicunt non est idem*: "Se duas pessoas dizem a mesma coisa, não é a mesma coisa". Imagine-se lendo uma peça de teatro com os nomes dos personagens apagados: você lê as frases e não sabe quem as disse. O sujeito pega, portanto, a frase que um Zé Mané disse na Bíblia e a coloca como se fosse um artigo de Fé.

Aluno: o que você acha da idéia de que foi a influência da filosofia aristotélica na Idade Média que causou a distinção entre o homem cristão e o homem civil?

Olavo: Essa distinção já existia desde o início. A propaganda anti-católica dizendo que a Igreja Católica é uma teocracia. Ora, quem inventou a teocracia foi Calvino. Foi ele que pôs a Igreja no Governo. A Igreja Católica sempre reconheceu a distinção entre Igreja e Império, e entendia que o governante se tornava sagrado pela unção recebida da Igreja. Daí surge uma teoria de que o governante é ungido por si mesmo — teoria que acabou por prevalecer depois

da Reforma e, em consequência dela, é que surge a teoria do Direito Divino dos Reis. Não tem como escapar disso; sem Reforma isso não poderia ter acontecido, simplesmente.

Aluno: Os alunos referidos nesta aula são pessoas infiltradas com o objetivo de denegri-lo?

Olavo: Pode ser, mas isso realmente não me interessa. Se alguém estiver infiltrado, com a pior das intenções, mas seguir o curso direito, vai parar com isso. A não ser que seja um psicopata ou um doido, como o sujeito que disse ter entrado aqui sem interesse por filosofia, mas por contatos políticos. Eu duvido que esses meninos sejam tão espertos assim.

Aluno: A formadora Telma Weisz, em um capítulo denominado "Ler Sem Saber" afirma que Lutero, através de textos da Bíblia, começou a ensinar a ler um povo que vivia na escuridão.

Olavo: Sabe quantas traduções da Bíblia existiam quando Lutero nasceu? Vinte e oito. Quer dizer que Lutero foi o primeiro que traduziu? Essa é outra lenda urbana. Havia vinte e oito traduções da Bíblia que circulavam na Europa.

Até a semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu, Leonardo Tavares Valente de Castro e Robson Fernandes.
Revisão: Éricson Rojahn